

SUBSÍDIO PARA AS CONSTITUIÇÕES DOS FRADES MENORES CAPUCHINHOS

A.D. 2020



CAPÍTULO SEXTO DAS CONSTITUIÇÕES A NOSSA VIDA EM FRATERNIDADE

por Frei Gaetano La Speme

O presente comentário quer apresentar uma breve antologia sobre alguns pontos do Capítulo VI das Constituições. O leitor poderá reencontrar, sobretudo, a reflexão que os últimos ministros gerais nos ofereceram. Com o presente trabalho está, de fato, a alegria de apresentar os textos que acompanharam o crescimento de muitos frades. Em um certo senso podemos dizer que é um modo de fazer com que a Ordem mesma, na elevada expressão dos últimos Ministros Gerais, aprofunde os temas que pertencem à nossa vida. Em algumas passagens também teremos a companhia da mãe Igreja, em sua rica sabedoria, através do magistério do Santo Padre.

Introdução

A conexão com a Regra Bulada

O VI capítulo das Constituições é dividido em dois artigos: *I. O compromisso na vida fraterna; II. A vida dos Irmãos no mundo*. Múltiplos são os referimentos à *Regra não Bulada*, à *Regra Bulada* e ao *Testamento* assim como aos *Escritos* do Frei Francisco de Assis¹. Várias são as conexões deste capítulo

¹ Por exemplo, o n. 88.6 refere-se a Rnb 1,1.6,3; RB 1,1; 2,1.7; 12,1; 2Test 14; o n. 89.2 refere-se a Rnb 18,1; 2Test 14; 2Lf43; Lmin 17; 89.3 refere-se a Rnb 4,4; 6,2; 19,1; 11,6.9; 9,10;14,6; Am 3,5-6; 12; 14; Lmin 17; Salvir 12; il n. 90.1 refere-se a Rnb 6,3;22,33; 2Test; o n. 90.2 refere-se a Rnb 4; 6,3-4; o n. 90.3 refere-se a RB 7,2; o n. 92.1 refere-se a Rnb 8;10; RB 6,9; Am 24; o n. 92.2 refere-se a Rnb 9,11; RB 6,8; o n. 92.3 refere-se a Rnb 10,1ss; RB 6,8-9; o n. 92.4 refere-se a Rnb 10; o n. 93.1.2 refere-se a Rnb 10,3-4; o n. 93.3 refere-se a Rnb 10,3; 23,7; Am 5,8; o n. 95.5 refere-se a Rnb 7,13ss; o n. 97.4 refere-se a Rnb 15,2; RB 3,10-14; o n. 98.1 refere-se a Rnb 7,16; RB 6,7-8; o n. 99.4 refere-se a RB 6,7; o n. 99.5 refere-se a Rnb 4,2; RB 10,1; o n. 102.6 refere-se a Rnb 1,1; 2Lf 13; Lord 51; Lfl3; o n. 104 refere-se a Rnb 9,5; o n. 105.4 refere-se a Rnb 23,1-7; 2Lf 1-15; o n. 106.1 refere-se a Rnb 9,1; 16,7-9; Rnb 27; Lord 9; o n. 106 refere-se a Rnb 22; 1Lf14-19; 2Lf 56-60; o n. 106.3 refere-se a Am 13-16;18; o n. 106.4 refere-se a RB 12,4; o n. 107.1 refere-se a Rnb 14,2; RB 3,13; 2Test 23;

das Constituições com os capítulos III; VI, X e XII da *Regra Bulada*². Se na exegese bíblica se costuma dizer que a Bíblia se interpreta com a Bíblia, com as devidas distinções, assim se poderia também dizer a respeito das Constituições. Todo o capítulo deve ser lido com um olhar que o integra aos outros capítulos; todos juntos se enlaçam no espírito da Regra e da espiritualidade franciscana³.

A divisão do capítulo em dois artigos nos faz pensar a vida fraterna compreendida seja na sua relação *ad intra* (entre os frades), seja na sua relação *ad extra* (com todas as pessoas humanas). Ambas as dimensões são vitais. Uma auxilia a outra a se manifestar com fecundidade.

“A fraternidade não é somente um dom que nós oferecemos reciprocamente: é a nossa maneira privilegiada de anunciar o Reino de Deus! Isso requer que nos interroguemos constantemente acerca da qualidade da nossa oração em comum, sobre como estamos progredindo na compreensão mútua e sobre como estamos nos saindo ao ler os sinais dos tempos nos capítulos locais, sobre a nossa colaboração no apostolado, sobre o viver a vida fraterna sem nada de próprio, sobre nossa presença em meio aos pobres e sobre o nosso empenho para com eles, respeitando todos os outros valores da nossa vida evangélica”⁴

A estrutura do capítulo VI

A *nossa vida em Fraternidade* é assim desenvolvida: o fundamento Trinitário e Cristológico e a inspiração franciscana (n.88); *O compromisso na vida fraterna* (artigo I) explicita-se na comunhão fraterna (n.89), no auxílio mútuo (n.90), na recíproca integração entre aqueles que têm diferentes idades (n.91), na assistência aos enfermos (n.92), na vida fraterna em comum (n.94), na observância da clausura e no acolhimento (n.95). Indicações particulares são dadas acerca do uso dos meios de comunicações sociais (n.96), sobre os meios de transporte e viagens (n.97), sobre o acolhimento dos frades e sobre os frades que residem fora da casa religiosa (n.99). O olhar se amplia colocando em foco as relações entre as várias circunscrições (n.100), a família franciscana (n. 101), a relação com a

Lrp 1; Bfl 2; o n. 108.1 refere-se a RB 3,10-14; o n. 108.2 refere-se a Rnb 7,101-12; 8,1-2; 22,15ss; RB 10,7; o n. 108.5 refere-se a Rnb 17,6; 23,1; LOrd 1;15; Lora 11; PCr 1; UffPass 2.

² Em relação à Regra Bulada, alguns textos são relatados: RB 3,10-14: “**10** Aconselho, porém, admoesto e exorto meus frades no Senhor Jesus Cristo que, quando vão pelo mundo, não litiguem nem contendam com palavras (cf. 2Tm 2,14), nem julguem os outros; **11** mas sejam amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém. **12** E não devem cavalgar, senão obrigados por manifesta necessidade ou doença. **13** Em qualquer casa em que entrem, digam primeiro: Paz a esta casa (cf. Lc 10,5). **14** E segundo o santo Evangelho, seja licito comer de todos os alimentos que lhes servirem (cf. Lc 10,8)”; RB 6,7-9: “**7** E, onde quer que estão e se encontrarem os frades, mostrem-se familiares mutuamente entre si. **8** E com segurança manifeste um ao outro sua necessidade, porque, se a mãe ama e nutre o seu filho (cf. 1Ts 2,7) carnal, quanto mais diligentemente deve cada um amar e nutrir seu irmão espiritual? **9** E se algum deles cair na doença, os outros frades devem servi-lo como queriam ser servidos (cf. Mt 7,12)”; RB 10,1.7: “**1** Os frades que são ministros e servos dos outros frades visitem e admoestem seus frades e os corrijam humilde e caridosamente, não lhes prescrevendo o que for contra sua alma e nossa regra [...] Mas admoesto e exorto no Senhor Jesus Cristo que se guardem os frades de toda soberba, vanglória, inveja, avareza (cf. Lc 12,15), cuidado e solicitude deste século (cf. Mt 13,22), detração e murmuração, e não cuidem os que não sabem letras de aprender letras”; RB 12,1.4: “**1** Qualquer dos frades que, por divina inspiração, quiser ir entre os sarracenos e outros infiéis, peça daí licença a seus ministros provinciais [...] **4** para que sempre súditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, estéveis na fé (cf. 1Col 1,23) católica, observemos a pobreza e humildade e o santo evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, que prometemos firmemente”.

³ Entre os muitos estudos válidos sobre a Regra são propostos em particular: P. Maranesi – F. Accrocca (edd.), *La Regola di frate Francesco. Eredità e sfida*, Padova 2012; F. Uribe, *La Regola di san Francesco. Lettera e spirito*, Bologna 2011.

⁴ J. Corriveau, *Vi mando per il mondo intero affinché rendiate testimonianza con la parola e con le opere*, 1996

Ordem Franciscana Secular (n. 102), com os parentes, benfeitores e colaboradores (n.103), chegando até o acolhimento de todos aqueles que vêm às nossas casas (n.104). O acolhimento do estrangeiro leva o frade a experimentar, ele mesmo, a condição de forasteiro. Os frades, como São Francisco, sentem-se ligados com vínculos fraternos a todas as criaturas (n.105), vivem e agem entre as pessoas humanas como fermento evangélico (n. 106), artífices da paz (n.107), testemunhas da esperança (n.108).

Essa estrutura nos leva a dizer que: “O fim último da nossa escolha de vida é a consagração, o dom de nós mesmos. Cada gesto e cada ato toma sentido a partir da consagração de nós mesmos. Também acrescentamos que há uma maneira imprescindível em nossa maneira de realizá-la. Trata-se da identidade fraterna e minorítica, herança preciosa de São Francisco [...] quem escolhe a nossa vida, escolhe em primeiro lugar se tornar um irmão menor. Esta é a escolha fundamental e é a base de toda a especificação subsequente. Na Ordem fundada por São Francisco não existem categorias, mas irmãos: todos são irmãos. Por isso, a vida fraterna e a capacidade de se relacionar com todos sem distinção, devem ter primazia em nossa jornada cotidiana. [...] Somos uma ordem de irmãos segundo a ‘revelação’ que o Senhor fez ao Frei Francisco, dando-lhe os irmãos e mostrando-lhe que deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho”⁵.

A origem da fraternidade

A introdução aos dois artigos que compõem o VI capítulo motiva teologicamente⁶ a origem da vida fraterna: “O Senhor Jesus na sua vida terrena chamou aqueles que quis, para tê-los junto a si e os formar para viverem sob seu exemplo pelo Pai e pela missão dele recebida” (cf *Mc* 3, 13-15). Ele inaugurava assim aquela nova família da qual haveriam de fazer parte no curso dos séculos quantos saberiam estarem prontos a “cumprir a vontade de Deus” (cf *Mc* 3, 32-35). Depois da Ascensão, por efeito do dom do Espírito, constituiu-se em torno aos Apóstolos uma comunidade fraterna congregada no louvor de Deus e em uma experiência concreta de comunhão (cf *At* 2, 42-47; 4, 32-35).

A vida desta comunidade e, mais ainda, a experiência de plena compartilha com Cristo vivida pelos doze apóstolos foi constantemente *o modelo em que a Igreja se inspirou* quando quis reavivar o fervor das origens e retomar com renovado vigor evangélico o seu caminho na história. Na realidade, *a Igreja é, essencialmente, mistério de comunhão*, “povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do

⁵ M. Jöhri, *Ravviviamo la fiamma del nostro carisma*, 2008.

⁶ Cfr. *Perfectae Caritatis*, 1: “Logo desde os princípios da Igreja, houve homens e mulheres, que pela prática dos conselhos evangélicos procuraram seguir Cristo com maior liberdade e imitá-lo mais de perto, consagrando, cada um a seu modo, a própria vida a Deus. Muitos deles, movidos pelo Espírito Santo, levaram vida solitária, ou fundaram famílias religiosas, que depois a Igreja de boa vontade acolheu e aprovou com a sua autoridade. Daqui proveio, por designio de Deus, uma variedade admirável de famílias religiosas, que muito contribuí para que a Igreja não só esteja preparada para toda a obra boa (cf. 2 Tim. 3,17) e para o ministério da edificação do corpo de Cristo (cf. Ef. 4,12), mas ainda, aformoseada com a variedade dos dons dos seus filhos, se apresente como esposa ornada ao seu esposo (cf. Apoc. 21,2) e por ela brilhe a multiforme sabedoria de Deus (cf. Ef. 3,10). Em tanta variedade de dons, todos aqueles que são chamados por Deus à prática dos conselhos evangélicos e fielmente os professam, consagram-se de modo particular ao Senhor, seguindo Cristo, que, sendo virgem e pobre (cf. Mt. 8,20; Lc. 9,58), remiu a santificou todos os homens pela obediência até à morte da cruz (Fil. 2,8). Movidos assim pela caridade, que o Espírito Santo derrama nos seus corações (cf. Rom. 5,5), mais e mais vivem para Cristo e para o seu corpo, que é a Igreja (cf. Col.- 1,24). Quanto mais fervorosamente se unirem, portanto, a Cristo por uma doação que abraça a vida inteira, tanto mais rica será a sua vida para a Igreja e mais fecundo o seu apostolado”; Cf. também *Congregazione per gli Istituti di vita consacrata e le Società di vita apostolica, La vita fraterna in comunità. “Congregavit nos in unum Christi amor”, 2 febbraio 1994.*

Espírito Santo”.

A vida fraterna pretende refletir a profundidade e a riqueza deste mistério, configurando-se como espaço humano habitado pela Trindade, que estende, assim, na história, os dons de comunhão próprios das três pessoas divinas. Muitos são, na vida eclesial, os âmbitos e as modalidades em que se exprime a comunhão fraterna. A Vida Consagrada tem, seguramente, o mérito de ter eficazmente contribuído para manter viva, na Igreja, a exigência da fraternidade como confissão da Trindade. Com a constante promoção do amor fraterno, também na forma de vida comum, essa tem revelado que *a participação na comunhão trinitária pode transformar as relações humanas*, criando um novo tipo de solidariedade. Desta maneira ela aponta para os seres humanos seja a beleza da comunhão fraterna, seja às sendas as quais tal comunhão nos conduz concretamente. As pessoas consagradas, de fato, vivem “por/para” Deus e “de” Deus e, por isso mesmo, podem confessar a potência da ação reconciliadora da graça, que derruba os dinamismos desagregadores presentes no coração do ser humano e nas relações sociais”⁷.

A nossa forma de vida é, portanto, modelada na Trindade. Os escritos de São Francisco transbordam do Mistério da Trindade. A *Regra não bulada* (Rnb) inicia: “*Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*” (Rnb I, 2) e termina “*Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo*” (Rnb XXIII, 39). Os seus escritos são sintonizados ao Mistério da Trindade [8]. [...] Francisco estabeleceu a sua Ordem como fraternidade inspirada na mesma clareza espiritual. [...] Francisco escolheu a fraternidade, uma vida em relação como irmãos e irmãs porque o Deus Trindade é, por natureza, relacional: “*Deus criou o ser humano a sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*” (Gn. 1, 27). Não fomos criados à imagem de um Deus solitário, isolado e autônomo, mas do Deus Trindade, pessoal, relacional, que é Pai e Filho e Espírito Santo. Assim, nós somos à imagem de Deus especialmente quando vivemos em relação. A fraternidade foi a experiência fontal da sua conversão.: “*E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me ensinava o que devia fazer ...*” (Test.14). E a fraternidade se torna a sua missão. “Francisco abraçou o plano de Deus para as suas criaturas como uma família de irmãs e de irmãos: irmão sol, irmã lua, etc. (cf. Cant: FF 263). Ele nunca mais se chamou, simplesmente, ‘Francisco’, mas sempre ‘irmão Francisco’, Ser “irmão” revelava o seu sentir-se em relação com cada criatura para a qual Deus o chamava e, a sua missão de curar as relações com doce

⁷ *Vita Consecrata*, 41. Referências claras também à Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Vida Fraterna em Comunidade*. “*Congregavit nos in unum Christi amor*”, 2 febbraio 1994.

⁸ Frei Francisco anunciando sua intenção de escrever a Carta a *Todos os Fiéis afirma* : “... para relatar a vocês as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, que é a Palavra do Pai, e as palavras do Espírito Santo” (*A Tutti i Fedeli*, 3 FF 180).[...] “...amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos, e sobre-exaltemos, magnifiquemos e demos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, trindade e unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de tudo e salvador de todos que nele creem e esperam e o amam, que sem início e sem fim imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, inescrutável (cf. Rm 11,33), bendito, louvável, glorioso, sobre-exaltado (cf. Dn 3,52), sublime, excelso, suave, amável, deleitável e todo mais desejável do que todas as coisas pelos séculos” (Rnb XXIII, 11, FF 72). Francisco experimenta a Trindade como uma “Relação de Amor Inexprimível”, revelada para nós no Mistério da Encarnação. “Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, foi anunciada pelo altíssimo Pai lá do céu, por meio de seu santo anjo Gabriel, no útero da santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade.” (*II CFI*, 4). Fazemos parte dessa *Relação de Amor Inexprimível*. “Oh! como é glorioso e santo e grande, ter nos céus um Pai! Oh! como é santo, ter um esposo consolador, bonito e admirável! Oh! como é santo e como é querido ter tal irmão e tal filho, agradável, humilde, pacífico, doce, amável e mais desejável do que todas as coisas, que deu a vida por suas ovelhas (cf. Jo 10,15) e orou ao Pai por nós dizendo: Pai santo, guarda em teu nome, os que me deste (Jo 17,11)” (*II CFI*, 54-56).

humildade” (VII CPO, 1 c). De fato, Francisco usa frequentemente, 306 vezes, o título “irmão” mais que qualquer outro título, com exceção ao título ‘Senhor’, que usa 410 vezes. A Fraternidade é um dom à Igreja, a sua resposta ao convite do Crucificado ‘*Vai e restaura a minha Igreja...*’. O Concílio Vaticano II afirma que a Santíssima Trindade é a ‘fraternidade’ que cria a Igreja: ‘A Igreja universal se apresenta como um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ (LG 4). Francisco purifica a Igreja convidando a todos para viverem como irmãos e irmãs. E esta é também hoje a nossa missão”⁹.

Embora a missão permaneça no tempo, a compreensão teológica muda¹⁰. “A teologia do Vaticano II e o magistério de S. Paulo VI têm determinado uma nova eclesiologia. A Igreja, assim, descreve-se como mistério de comunhão: “a Igreja universal se apresenta como um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Essa mudança de perspectiva encontrou ulterior desenvolvimento e aprofundamento nos escritos de S. João Paulo II, particularmente na *Novo Millennio Ineunte e nos recentes documentos sinodais*. A nova escatologia tem notável incidência na reflexão sobre a vida religiosa. O documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *A vida fraterna em comunidade. Congregavit nos in unum Christi amor* (2 de fevereiro de 1994), afirma: “Foi o desenvolvimento da eclesiologia que incidiu mais que qualquer outro fator na evolução da compreensão da comunidade religiosa. O Vaticano II afirmou que a vida religiosa pertence “firmemente” à vida e à santidade da Igreja, e a colocou propriamente no coração do seu mistério de comunhão e santidade” (n. 2). A exortação apostólica *Vita Consecrata* (de 1996) adiciona: “A vida consagrada pretende refletir a profundidade e a riqueza de tal mistério [da Igreja-comunhão] configurando-se como espaço humano habitado pela Trindade, que, deste modo, estende, na história, os dons da comunhão próprios das três pessoas divinas” (n. 41). A reflexão sobre as fontes franciscanas e capuchinhas, a partir desta nova perspectiva, fez emergir uma visão profundamente renovada da missão da Ordem no mundo. A fraternidade evangélica é, de fato, realmente a encarnação franciscana dessa comunhão”¹¹.

É oportuno ainda reiterar que com o Concílio Vaticano II ocorreu “a passagem de uma conotação fortemente penitencial para aquela onde emerge a prioridade da vida fraterna. O valor da vida fraterna é um dado agora adquirido, e a formação que os frades de toda a ordem receberam sobre esse aspecto do nosso carisma, foi e continua sendo significativa e substancial. Ao mesmo tempo, sabemos que a tentação e a fuga para o individualismo se difundem de modo preocupante. Se a algum tempo éramos menos envolvidos no que acontecia no externo do convento, hoje os novos meios de comunicação nos propõem de maneira insistente, convincente e refinada uma série de mensagens e estilos de vida que favorecem uma mentalidade sobremaneira individualista pela qual se torna difícil se orientar e discernir. Perante essa situação temos na fraternidade um válido ponto de referência: ele brota da renovação das nossas Constituições, iniciada no ano 1968, onde a força e a

⁹ J. Corriveau, *Immagine della sua stessa divinità*, 2006

¹⁰ J. Corriveau, *La fraternità evangelica in un mondo che cambia*, 2002: “Antes do Concílio Vaticano II, a Igreja era frequentemente falada como a sociedade perfeita que leva almas a Deus. (cf., por exemplo, a encíclica de Pio XI, *Mortalium Animos*, de 6 de janeiro de 1928: “Cristo Nosso Senhor estabeleceu sua Igreja como uma sociedade perfeita que deve continuar... o trabalho de salvar a humanidade”). No âmbito dessa visão teológica e da abordagem canônica da época, a Ordem Capuchinha foi considerada como um instituto clerical dedicado à salvação das almas, pois foi particularmente através dos múltiplos ministérios clericais que a Ordem cumpriu o mandato da Igreja”.

¹¹ J. Corriveau, *La fraternità evangelica in un mondo che cambia*, 2002.

beleza da vida fraterna estão evidenciadas como elementos prioritários. A individualidade de cada irmão é um dom precioso a se respeitar e sustentar, mas o “eu” de cada um de “nós” se torna, agora, mais precioso e fecundo se se relaciona com o nós da vida fraterna. Onde a vida fraterna é vivida e cultivada com cuidado, cria-se as condições para que o singular “irmão” possa afrontar com serenidade as provocantes situações do nosso tempo. As Constituições de 1968 representam uma reviravolta providencial, pois se trata de permanecer fiéis e de as tornar atuais perante as rápidas mudanças que envolvem o mundo inteiro. Todo irmão tem o direito de desfrutar do dom da fraternidade e de se perceber, em seu contexto, chamado a doar a própria energia para que este dom possa se desenvolver com toda a sua irrupção de vitalidade. A reviravolta a que me refiro tem as suas raízes em uma releitura das Fontes Franciscanas, donde emerge de modo tão significativo o modo como Francisco de Assis tinha valorado o dom de cada irmão, escolhendo voluntariamente descrever o movimento por ele iniciado como uma *fraternitas*¹². Em nome desta originalidade sanfranciscana podemos afirmar com convicção que a vida fraterna vivida com intensidade e fidelidade é mais exigente que a escolha pela pobreza. Explico-me: se a pobreza consiste principalmente no subtrair quanto mais coisas puder da vida e reduzir as *minhas* e *nossas* exigências ao essencial, viver em fraternidade exige uma contínua dinâmica de doação, que nos empenha a fazer mais autêntica a qualidade das relações que acompanham o nosso cotidiano. Por vezes se trata de saber perdoar e de saber fazê-lo sempre de novo, outras vezes é preciso dar um passo atrás para que o outro tenha espaço e seus dons possam desabrocharem e frutificarem. A vida fraterna, originada do Espírito Santo, cresce se a qualidade das nossas relações tem o sabor da acolhida, do perdão, da misericórdia e da caridade que o Senhor Jesus nos apresentou como bem-aventurança para a nossa existência. A pobreza que tantos dos nossos frades tem visto e vivido com alegria não é colocada em segundo plano, mas, à luz da renovação dos carismas, assume as conotações da solidariedade, da partilha dos bens com os últimos da terra e da responsabilidade no confronto com a salvaguarda da criação. Fraternidade significa pura disponibilidade para superar os confins da Fraternidade local, da Província ou Custódia em que vivemos, para sustentar as Circunscrições em dificuldade ou para se agregar em fraternidades interculturais onde as necessidades de pessoal são mais urgentes.”¹³

À luz do que foi dito, adquire um valor significativo o que o ministro geral Frei Roberto Genuin escreveu: “Temos dois argumentos particulares sobre os quais vale a pena refletir sempre, dado que são centrais para a nossa identidade e podem conter consequências importantes para o desenvolvimento da nossa Ordem: o tema da fraternidade¹⁴ e o tema dos Irmãos não-clérigos.”¹⁵

«Uma Ordem de irmãos»

“Assim, professando esta forma de vida, nós constituímos verdadeiramente uma Ordem de

¹² Cf. Pietro Maranesi, *Il Sogno di Francesco. Rilettura storico-tematica della Regola dei Frati Minori alla ricerca della sua attualità*, Assisi 2011.

¹³ M. Jöhri, *Identità e appartenenza cappuccina*, 2014.

¹⁴ A vida fraterna minorítica é nossa maneira específica de contribuir para a proclamação do Evangelho e para a missão: “A própria vida fraterna, fermento de comunhão eclesial, é profecia da unidade definitiva do povo de Deus e constitui um testemunho essencial para a missão apostólica da Igreja” (Const. 88, 4).

¹⁵ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all’Ordine all’inizio del nuovo sessennio*, 2019

Irmãos” (Cost. 88,7)¹⁶.

A dimensão fraterna e minorítica da Ordem custodia a primitiva e genuína intuição de S. Francisco de Assis¹⁷, “que a Ordem seja aberta do mesmo modo aos pobres e aos iletrados, e não apenas aos ricos e instruídos. ‘Junto a Deus – dizia – não há preferências de pessoas, e o Espírito Santo, ministro geral da Ordem, pousa igualmente sobre o pobre e o simples’” (FF 779). Esta intuição foi reconhecida¹⁸ e, todavia, teve necessidade de, muitas vezes, ser defendida¹⁹.

¹⁶ “No entanto, é necessário lembrar que essas palavras dificilmente serão suficientes para nos ensinar o modo eficaz de ser, no sentido evangélico, irmãos, se não mantermos constantemente diante de nós um modelo convincente e quase visual para ser inspirado; sem ele, inevitavelmente, voltaremos à maneira humana de fazer fraternidade. E este modelo é Cristo que ‘primogênito entre muitos irmãos’, faz de todos os homens uma verdadeira fraternidade” (T. Ricci (ed.), // *“patrimonio spirituale” delle costituzioni dei frati minori cappuccini*, Curia Generale OFM Cap, Roma 1991, 84-85)

¹⁷ Cfr. AA.VV., *Francesco d’Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Biblioteca Einaudi, Torino 1997; L. Pellegrini, *Frate Francesco e i suoi agiografi*, Edizioni Porziuncola, Assisi 2004; P. Maranesi, *La relazione tra fratelli*, in P. Maranesi – F. Accrocca (a cura di), *La regola di frate Francesco. Eredità e sfida*, Editrici Francescane, Padova 2012, 507-549; F. Accrocca, *L’identità complessa. Percorsi francescani fra Due e Trecento*, Centro Studi Antoniani, Padova 2014.

¹⁸ Em 18 de setembro de 1996, o Santo Padre João Paulo II escreveu desta forma: “Os capuchinhos ostentam uma rica tradição de vida consagrada leiga, que desde o início marcou sua existência e apostolado. Estou pensando na ampla gama de “irmãos leigos” que ainda brilham hoje como exemplos de santidade e modelos magníficos do estilo franciscano particular, compostos por testemunhas diárias do Evangelho e compartilhando a vida de pessoas humildes e simples. Em primeiro lugar, gostaria de mencionar, a este respeito, Félix de Cantalice, que soube trazer para as ruas da Cidade Eterna o fermento da caridade evangélica, aproximando-se com o mesmo espírito de simplicidade e minoria tanto do povo comum quanto dos pobres, bem como dos altos dignitários civis e eclesiais, que procuraram sua companhia e voluntariamente recorreram ao seu conselho iluminado. E os milagres da graça realizados no Povo de Deus por Serafim de Montegranaro, Inácio de Láconi, Francisco Maria de Camporosso, Conrado de Parzham e por muitos outros irmãos que, no compromisso da busca, a serviço da portaria, ou aos cuidados da igreja e do convento, sabiam como expressar o amor por Cristo extraído da intimidade das longas horas gastas em meditação e oração. Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita consecrata* esbocei as características fundamentais da espiritualidade da vida consagrada leiga e sua atualidade para o nosso tempo (cf. Ivi, n. 60). No mesmo documento, lembrei-me de como dentro da Igreja existem institutos religiosos chamados de “mistos”, “que no projeto original do fundador foram configurados como fraternidades, em que todos os membros - padres e não padres - eram considerados iguais uns aos outros”. (Ivi, n. 61). É conhecido como Francisco de Assis, descrevendo no Testamento o início de sua experiência espiritual e a dos primeiros companheiros, enfatiza precisamente o aspecto da fraternidade: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me ensinava o que devia fazer; mas o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do santo Evangelho” (Fontes Franciscanas, n. 116). Esta Ordem religiosa constitui, portanto, uma fraternidade, composta por clérigos e leigos que compartilham a mesma vocação religiosa de acordo com o carisma franciscano e capuchinho, descrito em suas características essenciais por sua própria legislação aprovada pela Igreja (cf. Constituições n. 4).”

Fr. John Corriveau em 1997 no texto *Fraternità evangelica*, retomando a resposta do Santo Padre, ele enfatizou: “O Papa João Paulo II reconhece este importante desenvolvimento que ocorreu em nossa fraternidade internacional em sua carta datada de 18 de setembro de 1996. Nele ele faz uma declaração excepcionalmente significativa sobre a natureza e a missão de nossa Ordem na Igreja: “Esta Ordem religiosa constitui, portanto, uma fraternidade, composta por clérigos e leigos que compartilham a mesma vocação religiosa de acordo com o carisma franciscano e capuchinho, descrito em suas características essenciais por sua própria legislação aprovada pela Igreja.”

O conteúdo e a importância desta afirmação se destacam mais quando consideramos o contexto da declaração do Papa. Ele próprio coloca no contexto da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita consecrata*. A Exortação Apostólica afirma que “a vida consagrada por sua própria natureza não é leical nem clerical” (n. 60). E então ele define três tipos diferentes de institutos de vida consagrada: “institutos leigos ... têm um caráter e propósito que não envolvem o exercício de ordens sagradas” (n. 60); “institutos clerical... prover o exercício de ordens sagradas... o ministério sagrado é constitutivo do próprio carisma e determina seu caráter, o fim, o espírito” (n. 60); “institutos mistos... eles foram configurados como fraternidades, em que todos os membros - padres e não-sacerdotes - eram considerados iguais uns aos outros” (n. 61). A

Exortação indica claramente que a vida fraternal é comum a todos os institutos de vida consagrada (cf. n. 42; e também "A vida fraterna na comunidade", n. 59b). O que distingue institutos mistos de institutos clerical ou leigos é o *propósito* da fraternidade. Nos dois últimos tipos de institutos, a fraternidade tem como objetivo principal o apoio material, humano e espiritual dos membros em seus ministérios. O propósito fundamental de tal instituto reside, portanto, em outros lugares, por exemplo, no ministério sagrado que confere ao instituto sua "disposição, fim e espírito." Um instituto misto, por outro lado, existe para fins de fraternidade que define o caráter e o espírito de sua presença e serviço na Igreja e no mundo. [...] O desafio de criar fraternidades evangélicas implica a reconsideração do ministério como um serviço prestado por nossa *fraternidade* à Igreja e ao mundo. Isso indica que os serviços que requerem a colaboração de vários membros da fraternidade devem prevalecer sobre aqueles que são expressões individuais. A variedade de dons de graça e natureza deve trabalhar juntos para o bem comum. Um excelente estudo histórico, apresentado na *Conferência sobre a Vocação Capuchinha em suas expressões leigas*, sugere que a clericalização da Ordem começou quando os dons de nossos irmãos leigos foram limitados ao serviço da fraternidade como tal. Isolados do contato ministerial com as pessoas, eles também foram proibidos de acesso à educação. O resultado tem sido precisamente a clericalização da nossa Ordem, um processo pelo qual vem definindo seu propósito cada vez mais em termos de ministérios clericais. Esse fenômeno privou nossa ação evangélica dos carismas e dons de uma parte considerável e essencial da fraternidade. Os sinais dos tempos sugerem que este processo deve ser alterado; e isso não minimizando entre nós os ministérios clerical, mas encorajando a expressão de todos os dons de nossos irmãos leigos" (J. Corriveau, *Fraternità evangelica*, 1997).

¹⁹ O Ministro General Fr. Flávio Roberto Carraro escreveu em 1985 na carta circular *Fratelli per vocazione*: "São Francisco não fundou uma Ordem de Clérigos, mas uma fraternidade composta por clérigos e não-clérigos com direitos e deveres iguais, iguais como irmãos, exceto no que depende de Ordens Sacras". O Ministro General Fr. John Corriveau em 1995 na *Carta Circular nº 6*. disse: "Os frades são iguais, mas não são idênticos! Os frades clérigos e leigos têm a mesma vocação, mas as suas diferentes formas de estar na Igreja e na sociedade significam que eles também têm experiências diferentes em viver a mesma vocação. Cada experiência traz sua própria riqueza à nossa vocação comum. Basta pensar na contribuição que eles fizeram para a nossa espiritualidade São Lourenço de Brindis ou o Beato Diego José de Cádiz e aquela dada por São Félix de Cantalio ou São Conrado de Parzham." O Ministro-Geral fr. J. Corriveau, na *Carta Circular n.6*, em 1995 escreveu: "Tradicionalmente, os padres capuchinhos têm sido pregadores e confessores; os irmãos leigos: mendicantes e porteiros e engajados no trabalho da casa. A Ordem agradece profundamente os serviços de pregador e confessor; e ainda assim a "imagem" do sacerdote capuchinho desenvolveu-se muito além desses papéis tradicionais. Esse desenvolvimento ocorreu não tanto por causa de uma nova "definição" do padre capuchinho, mas sim como uma resposta às necessidades da Igreja e da sociedade. Nossas *Constituições*, em vez de dar uma definição de nosso papel ministerial, delineiam as relações entre esse papel e nossos valores essenciais, como fraternidade, pobreza, minoridade, etc. E assim como a Ordem continua a valorizar a "imagem tradicional" dos irmãos sacerdotes, mesmo quando seu papel está evoluindo, a Ordem avalia e continuará a valorizar a "imagem tradicional" de nossos irmãos leigos, mesmo quando seus papéis na Igreja e na sociedade estão evoluindo. Estamos cientes de que as necessidades da Igreja e da sociedade impulsionam tal evolução no papel de nossos irmãos leigos e irmãs como portadores do amor evangélico no mundo. Tudo isso também exige que a Ordem incentive os irmãos leigos a continuar a desenvolver sua presença e papéis na sociedade e na Igreja além dos papéis tradicionalmente atribuídos a eles. Tal desenvolvimento já está em andamento. No entanto, requer diálogo e reflexão. Como normalmente há apenas um pequeno número de irmãos leigos nas províncias, tem sido muito difícil para eles repensar em profundidade a transformação de seu papel na Igreja e na sociedade. [...] Nossa Ordem, tem como carisma fundacional a fraternidade e, portanto, a igualdade e a unidade entre irmãos clericos e irmãos leigos, e tem uma responsabilidade especial de oferecer modelos concretos desses papéis à Igreja".

O Ministro-Geral fr. Mauro Jöhri escreveu, "Há anos que temos perguntado e insistido para a Santa Sé para que que nos seja concedida a graça para viver o que São Francisco pensou na Regra, ou seja, que todos os membros de nossa Ordem possam ser eleitos ou nomeados para todos os serviços e cargos previstos em nossas *Constituições*". Na verdade, lemos no Capítulo VII da *Regra de Bulada*: "Os ministros, se sacerdotes, eles mesmos imponham, com misericórdia, a penitência àqueles; se não são sacerdotes, imponham-na através de um sacerdote da ordem, assim quando aparecer mais oportuno, conforme Deus' (FF 94). O tema da identidade minorítica é herança preciosa de São Francisco: "Quem escolhe a nossa vida, escolhe em primeiro lugar se tornar um Frade Menor. Esta é a escolha fundamental e que está acima de outra especificação subsequente. Na Ordem fundada por São Francisco não há categorias, há irmãos e há todos os irmãos. Segue-se que a vida fraternal e a capacidade de se relacionar com todos sem distinção devem ter primazia em nossa jornada diária. Meus antecessores escreveram páginas intensas sobre isso e o CPO (cf. I, 20-22; II, 22; IV, 14. 22; VII, 7)

É fundamental propor esta dimensão na formação porque é ali que se constrói uma Ordem de irmãos. “A escassez bastante evidente de irmãos não-clérigos nas novas áreas de desenvolvimento da Ordem traz um problema: É o Senhor que deseja somente Capuchinhos ordenados *in sacris*, ou somos nós a pensarmos-nos e propormos-nos apenas como irmãos sacerdotes? Não creio que seja uma questão de número, mas de identidade carismática! A nossa vocação é aquela de ser irmãos e menores; qualquer outra ‘qualificação’ não adiciona ou tolhe nada desta identidade; de preferência é a partir desta identidade que todo o resto recebe a sua própria fisionomia. Não me qualifico, isto é, como frade menor porque sou sacerdote, ou porque tenho um título de estudo, ou porque posso assumir posições que sejam consideradas de prestígio dentro da minha cultura. Não me qualifico como frade menor porque posso governar uma paróquia, administrar os sacramentos, dirigir uma escola ou assumir cargos de poder dentro da Igreja e da Ordem. Qualifico-me como frade menor apenas e na medida em que meu empenho para viver o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade, com a particular predileção ao serviço generoso, humilde e esquecido de si, próximo aos últimos, aos excluídos e aos pobres. Assim, na nossa Ordem há verdadeiro espaço para todos, não só para os chamados às Ordens sacras. É por isso que tantos dos nossos irmãos não-clérigos puderam obter a santidade sem serem sacerdotes, porque ser ordenado não é elemento necessário para viver a nossa vocação. Quão maior testemunho do evangelho daremos, com o nosso modo de pensar e com a escolha que fazemos, se conseguimos enriquecer toda a cultura desta identidade específica que o Espírito nos doou para o bem do povo de Deus! Necesita-se encontrar os modos para dar passos significativos neste sentido”²⁰.

Algumas considerações sobre a vida fraterna

No coração do ser humano, o desejo de construir relações significativas é fortíssimo. Porém, ao mesmo tempo, há um grande medo de vivenciar vínculos em plenitude. Todavia, uma identidade que evita os limites das relações está condenada a ser vazia ou fragmentada. Os frades podem dar a própria contribuição para viverem juntos seja porque a vida religiosa é – como toda a Igreja – *casa e escola de comunhão*²¹, seja porque os consagrados *são chamados, antes de tudo, para serem homens e mulheres do encontro*²².

A relação é o instrumento formativo por excelência porque “a vida fraterna é o lugar privilegiado para discernir e acolher a vontade de Deus e caminhar juntos em união de mente e de coração”²³. No

várias vezes eles têm devidamente destacado o mesmo aspecto” (M. Jöhri, *Ravviviamo la fiamma del nostro carisma!*, 2008). Em 2015, disse o mesmo ministro-geral fr. M. Jöhri que escreveu: “Também quero reiterar o quanto meus dois antecessores insistiram no assunto, Fr. Flavio Roberto Carraro (1982-1994) e Fr. John Corriveau (1994-2006), que não perderam qualquer oportunidade de apresentar nosso pedido às autoridades competentes. O mesmo deve ser dito dos Capítulos Gerais anteriores. A mesma pergunta é compartilhada pelas outras famílias franciscanas (OFM, OFM CONV, TOR); nos dirigimos várias vezes ao Santo Padre para pedir a graça mencionada acima¹⁹. As ordens monásticas também estão se movendo na mesma direção. Tive a oportunidade de falar sobre isso diretamente ao Papa Bento XVI e ao Papa Francisco; Apresentei nosso pedido aos líderes da Congregação para a Vida Consagrada e a questão foi levantada várias vezes durante as Assembleias da União dos Superiores Gerais” (M. Jöhri, *Il dono irrinunciabile dei fratelli laici per il nostro Ordine*, 2015).

²⁰ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all’Ordine all’inizio del nuovo sessennio*, 2019.

²¹ João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, 43.

²² Papa Francisco, *Homilia* de 2 de fevereiro de 2016.

²³ João Paulo II, *Vita Consacrata*, 92.

entanto, pode-se criar atitudes com as quais a vida fraterna pode ficar seriamente ameaçada²⁴. Podem haver situações em que ela pode se tornar “somente teórica: faltando a convivência cotidiana, feita de oração em comum, de confronto e partilha da nossa vida e da nossa fé, de serviços comuns realizados totalmente de modo recíproco; faltando a dimensão própria da fraternidade, ‘lugar’ privilegiado no qual cada um pode encontrar Deus que lhe fala e lhe oferece todos os elementos necessários para o seu verdadeiro crescimento humano e espiritual conforme a nossa vocação; falta o ‘lugar’ onde, além do sentido pessoal, compartilhado sempre para o crescimento de todos, juntos também possamos verdadeiramente discernir qual é a vontade de Deus sobre a mesma fraternidade local, provincial e de toda a Ordem. No passado, para constituir uma fraternidade, ocorria a prescrição que nela houvesse no mínimo 12 frades. Mas não podemos nem mesmo pensar que o nosso carisma encontre as vias para encarnar-se com divina eficácia nas diversas culturas, se não visarmos, decididamente, a presença de fraternidades significativas seja em número, seja em vitalidade de relações fraternas. Também será difícil um testemunho eficaz da nossa vida se nos apresentarmos somente como agentes pastorais, dedicados integralmente ao ministério, sem expressar a nossa vida fraterna.”²⁵

Porque se pode crescer na comunhão “tenha-se um empenho particular no Capítulo local, que é instrumento privilegiado para manifestar a índole e promover o crescimento da nossa vida na comunhão fraterna. Nele se exprime bem a obediência caritativa, que caracteriza a nossa Fraternidade. Graças a ela, os Irmãos estão ao serviço uns dos outros, estimula-se a criatividade e os dons de cada um servem para proveito de todos” (Cost. 89,4)²⁶. Sobre a importância das relações fraternas escreve o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*: “Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros, e quando sutilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis [...] é um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo. Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores. Melhor ainda, trata-se de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus

²⁴ O Santo Padre Francisco no Encontro com os participantes do Jubileu da Vida Consagrada, em 1º de fevereiro de 2016, disse “Sei que nas vossas comunidades nunca se fazem mexericos, nunca, nunca... Eles causam o afastamento. Ouvi bem: não aos mexericos, ao terrorismo dos mexericos. Porque quem faz mexericos é um terrorista. É um terrorista dentro da própria comunidade, pois lança como se fosse uma bomba a palavra contra este, aquele, e depois segue tranquilo. Destrói! Quem age assim, destrói, como uma bomba, e depois afasta-se. O apóstolo São Tiago dizia que talvez a virtude mais difícil, a virtude humana e espiritual mais difícil de ter, é aquela de dominar a língua. Se te vier a vontade de dizer algo contra um irmão ou uma irmã, de lançar uma bomba de mexericos, morde a tua língua! Forte! Terrorismo na comunidade, não! “Mas Padre, se há algo para corrigir, um defeito?”. Dizes à pessoa: tu tens esta atitude que me incomoda, ou não me agrada. Ou se não for conveniente — porque muitas vezes não é prudente — dizes à pessoa que pode remediar, que pode resolver o problema e a ninguém mais. Entendestes? Os mexericos não servem. «Mas no capítulo?». Ali sim! Em público, tudo o que sentires que deves dizer; porque existe a tentação de não dizer as coisas no capítulo, e depois fora: «Viste a priora? Viste a abadessa? Viste o superior-geral?...». Mas por que não disseste durante o capítulo?... Está claro isto? São virtudes de proximidade. E os Santos conheciam-na, os santos consagrados tinham-na”.

²⁵ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all’Ordine all’inizio del nuovo sessennio*, 2019

²⁶ Na dinâmica do capítulo local comparar com: G. Salonia, *Kairos*, EDB, Bologna 1994; V. Veith, *Il Capitolo locale*, EDB, Bologna 1993. Nos respectivos textos há uma bibliografia adicional para quaisquer informações adicionais.

crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade. Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai Bom” (EG 91-92).

Na construção de uma fraternidade mística é sempre pertinente a máxima: *O tempo perdido nas relações é o mesmo que as torna valiosas*²⁷. Queres saber quanto vale a tua rosa para ti? Se pergunta em *O Pequeno Príncipe*: quanto tempo lhe dedicaste? Quanto tempo perdeste com a tua rosa? É o tempo que valoriza a relação, é o tempo em que se está junto; é o tempo em que se preparara o encontro, e aquele que a conclusão o integra. “Perder tempo” na relação, é perder tempo no conhecimento e na gestão das dinâmicas relacionais que precedem, acompanham e seguem o encontro.

“A vontade de reapropriar-se da vida evangélica fraterna constituiu o esforço mais importante da Ordem para responder ao convite feito pelo Concílio Vaticano II a todos os religiosos para retornarem ao carisma das suas origens. Efetivamente em muitas das nossas províncias, com as suas diferenças próprias, os irmãos mais velhos reconheceram que nas suas comunidades existe uma mais profunda sensibilidade à vida fraterna. Ao mesmo tempo, cinco Conselhos Plenários da Ordem foram dedicados à redefinição do significado evangélico da nossa vida fraterna [...] “E quando o Senhor me deu irmãos...” foi um divisor de águas na vida de Francisco, o qual sempre considerou como resposta primária ao santo Evangelho o viver como irmão. Ao fim, ele sentiu uma relação de afeto com todos e com tudo. Toda singular criatura era seu irmão e sua irmã; toda pedra, todo riacho, a sua casa. Falava de irmão Sol, irmã Lua, irmão Vento e irmã-mãe Terra. Mediante a graça, Francisco chegou a tal ponto de não ter em si nem violência, nem divisão, nada que o pudesse separar do seu próximo e da criação. Tomás de Celano afirma que Francisco, purificado na intensidade com a qual vivia a fraternidade, retornou à inocência original. Uma semelhante qualidade de ser fraterno presente em Francisco e na sua primitiva fraternidade abria os corações à mensagem do santo Evangelho. A fraternidade era o seu instrumento preferido de evangelização. O “testemunho evangélico” não é uma nova ideologia, é uma nova conversão! [...] Não podemos afirmar ser um “povo evangélico”, a menos que todo particular frade não tome a decisão de ser um “homem evangélico”. “*Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus*” (Fil 2, 5). É este o terreno comum ao qual nos chama novamente a tradição capuchinha mediante uma séria aplicação da audição da Palavra, da meditação, da oração na Igreja, da Eucaristia, da Reconciliação. A criação de uma *fraternidade* que leia seriamente os novos sinais dos tempos e reconheça a ação do Espírito de Deus em meio ao povo requer algo a mais que o estudo dos grandes acontecimentos nacionais e mundiais. A criação de uma *fraternidade* inserida entre os pobres requer algo a mais que uma simples mudança de lugar ou que uma modificação na sua estrutura: requer um caminho mental e espiritual da parte dos frades. Agir eficazmente pela reconciliação e pelo reino de justiça exige igualmente uma *fraternidade* empreenda uma séria reflexão sobre o ambiente a luz do Evangelho. “*A sabedoria... é encontrada por quem a procura... Encontrá-la-á sentada a sua porta*” (Sb 6, 12.14). Francisco não encontrou a chave da paz e da justiça na longínqua Roma ou na corte do Sacro Império Romano. Ele iniciou a sua busca no seu ambiente,

²⁷ Cf. Salonia G., *Odos. La via della vita. Genesi e guarigione dei legami fraterni*, EDB, Bologna 2007.

em Santa Maria dos Anjos, junto aos seus confrades. Assim, necessita-se de um sério esforço para o uso efetivo do *capítulo local*, o qual deve animar a nossa fraternidade para dar mais eficaz testemunho dos valores evangélicos que constituem a nossa forma de vida. Uma fraternidade evangélica não nasce por acaso, simplesmente colocando juntos os frades na mesma casa, mas requer atenção e animação. Por isso o papel do *Guardião* como animador da fraternidade local é indispensável. Os guardiões devem ser vistos pelos Ministros provinciais e por suas fraternidades primariamente como guias espirituais. E esses mesmos devem considerar a animação espiritual das suas fraternidades como a sua primeira e mais importante responsabilidade (cf. “*A vida fraterna em comunidade*”, n. 50). [...] Francisco desejou que a sua fraternidade exprimisse a específica qualidade evangélica da *minoridade*. Na sua primeira Regra, Francisco indica como a minoridade deve modelar as relações entre os próprios frades: “...todos os frades não tenham, nisso, nenhum poder ou domínio sobretudo entre eles” (Rnb 5,9: FF 19). [...] Os dons são dados pelo Espírito Santo não para o nosso prestígio pessoal, mas para o serviço da fraternidade e do mundo. São Francisco mesmo nos refere ao capítulo 13 do Evangelho de João, no qual Jesus faz entender a natureza do serviço cristão: “E nenhum se chame prior, mas todos sejam chamados simplesmente frades menores. E *um lave os pés do outro*” (Rnb 6,3:FF 23). Assim, a minoridade torna possível a pessoas que possuem qualidades e responsabilidades muito diversas na sociedade e na Igreja serem unidos em uma autêntica fraternidade e viverem como iguais”²⁸.

Recíproca integração

“Procuremos que, nas nossas fraternidades, a diferença de idades concorra para a concórdia dos espíritos e para a mútua integração. Aos Irmãos mais velhos, sejam manifestados sinais de uma caridade solícita e agradecida. Os jovens tenham a devida estima pelos Irmãos de idade mais adulta e aproveitem de boamente a sua experiência; os mais velhos, por sua vez, acolham as novas e sadias formas de vida e de atividade; e uns e outros partilhem entre si as próprias riquezas” (Cost. 91).

O encontro entre as gerações é fundamentalmente encontro entre as diferenças e segue a gramática de tal lógica. Por si não é conflitante, porém não é nem mesmo óbvio que seja enriquecedor. Quando a diferença vivida no próprio corpo, nos próprios sonhos, nos próprios medos, sente a ameaça da diferença (com as energias, os impulsos, os distúrbios) do qual um corpo mais adulto ou mais jovem é um portador, torna-se conflituoso. Este conflito geracional se pode resolver através da disciplina do encontro, o conhecimento do próprio coração e a cura das feridas. Se qualquer um é capaz de se colocar no lugar do outro, terá disposição para pensar que no outro – com o qual é difícil se encontrar – há pelo menos um fragmento de bondade e verdade, se todos sabem ouvir as razões do outro, os medos e sonhos relacionados a cada idade, então o milagre do encontro geracional nascerá²⁹. É importante ter em mente que no fluxo dos anos passamos por sonhos, medos, energias, impulsos, que são típicos de cada faixa etária e que garantem que as experiências de um jovem não sejam as de um adulto ou de um idoso. A cada estação o homem chega a um acordo com uma experiência diferente de si mesmo (e em particular de seu próprio corpo e suas funções), do outro e de Deus.

²⁸ J. Corriveau, *Fraternità evangelica*, 1997.

²⁹ G. Salonia, *Sulla felicità e dintorni. Tra corpo, parola e tempo*, Il pozzo di Giacobbe, 2011.

Comentando a página da Apresentação do Senhor no Templo, o Papa Francisco disse: “A festividade da Apresentação de Jesus no Templo é denominada também a festa do *encontro*: [...] quando Maria e José levaram o seu Menino ao Templo de Jerusalém, teve lugar o primeiro encontro entre Jesus e o seu povo, representado por dois anciãos, chamados Simeão e Ana. ratava-se também de um encontro no contexto da história do povo, um encontro *entre os jovens e os anciãos*: os jovens eram Maria e José, com o seu recém-nascido; e os anciãos eram Simeão e Ana. [...] Trata-se de um encontro entre jovens cheios de alegria na observância da Lei do Senhor, e de anciãos repletos de alegria pela obra do Espírito Santo. É *um encontro singular entre observância e profecia*, onde os jovens são observantes e os anciãos proféticos! [...] E inclusive na vida consagrada vivemos o encontro entre os jovens e os anciãos, entre observância e profecia. Não as vejamos como se fossem duas realidades opostas entre si! Pelo contrário, permitamos que o Espírito Santo anime ambas, e o sinal disto é a alegria: o júbilo de observarmos, de caminharmos numa regra de vida; e a alegria de sermos orientados pelo Espírito Santo, nunca rígidos, jamais fechados, mas sempre abertos à voz de Deus que fala, que abre, que conduz e que nos convida a caminhar rumo ao horizonte. Faz bem aos idosos comunicar a sabedoria aos jovens; e faz bem aos jovens acolher este património de experiência e de sabedoria, e depois levá-lo em frente, não para o conservar num museu, mas para o fazer desenvolver, enfrentando os desafios que a vida nos apresenta; levá-lo em frente, para o bem das respectivas Famílias religiosas e da Igreja inteira.”³⁰

Quem sabe se ainda hoje para adultos e idosos, no encontro de gerações, a imagem de S. Francisco que, tendo chegado à conclusão, diz: “Eu fiz a minha parte, Cristo vos ensinar a vossa” pode ser útil. S. Francisco de Assis não nega sua história e não absolutiza sua experiência de vida. A humildade responsável torna-se uma das virtudes fundamentais para que as gerações se encontrem e floresçam. E, ao mesmo tempo, como ensina o Papa Francisco, é importante que os jovens se lembrem disso: “O *robustecimento* e a *renovação* da vida consagrada acontecem através de *um grande amor à regra* e também da capacidade de *observar e escutar os anciãos* da Congregação. Assim o ‘depósito’, o carisma de cada família religiosa é *guardado* conjuntamente *pela obediência* [dos jovens] e pela sabedoria [dos anciãos]. E, através deste caminho, somos preservados de viver a nossa consagração de maneira superficial, [...] que acabaria por reduzir a vida religiosa a uma ‘caricatura’: uma caricatura na qual se realiza um seguimento sem renúncia, uma oração sem encontro, uma vida fraterna sem comunhão, uma obediência sem confiança e uma caridade sem transcendência.”³¹

Neste processo de diálogo e de integração “trata-se de ser uma presença e um lugar onde qualquer pessoa pode por sua dor, mesmo a silenciosa ou ‘ilegítima’, e sentir ‘aquecer o coração’. Trata-se de viver a vida fraterna no Espírito como lugar em que a diferença e a subjetividade se abrem aos irmãos e se entregam às relações.”³² No empenho mútuo, no desafio que é para todos, cada um conforme a própria idade e o próprio serviço, as seguintes palavras de São João Paulo II incentivam à acolhida com confiança “Pessoas consagradas, anciãos e jovens, vivei a fidelidade ao vosso empenho em direção à Deus, em recíproca edificação e mútuo sustento”³³. Retoma e sintetiza este conceito, o

³⁰ Papa Francisco, *Homilia* de 2 de fevereiro de 2014.

³¹ Papa Francisco, *Homilia* de 2 de fevereiro de 2015.

³² G. Salonia, *Odos. La via della vita. Genesi e guarigione dei legami fraterni*, 165.

³³ João Paulo II, *Vita Consacrata*, 109.

Papa Francisco, quando na *Evangelii Gaudium* exorta: *Não nos permitamos ser roubados da comunidade*³⁴.

Frades enfermos

“Beato o servo que tanto é disposto a amar o seu irmão quando é enfermo, e por isso não pode lhe devolver o serviço, quanto o ama quando é sadio, e pode devolvê-lo” (Am XXIV: FF 174)³⁵. A atenção pelo irmão que é fraco comprova o amor. A enfermidade no tempo de S. Francisco, constringia a viver em uma situação de vulnerabilidade de modo que o amor pelo irmão enfermo era um sinal claro de um amor gratuito, desinteressado, autêntico e fonte de felicidade. Francisco de Assis tinha grande compaixão pelos frades enfermos e escreveu na Regra não Bulada: “Se um dos irmãos cair doente, os outros irmãos não o abandonem, esteja onde for, sem designar um ou, se necessário, mais irmãos, para o servirem como gostariam de ser servidos; mas em caso de absoluta necessidade poderão encarregar uma pessoa de confiança para cuidar dele durante sua enfermidade” (RnB X: FF 34)³⁶. Um amor assim grande pelo irmão enfermo é o que justifica também a exceção a “Regra”³⁷. No capítulo VIII da RnB afirma-se “nenhum Irmão, onde quer que esteja e para onde quer que vá, nem sequer ajunte do chão, nem aceite ou faça aceitar dinheiro ou moedas, nem para comprar roupa ou livros; numa palavra: em circunstância alguma, a não ser em caso de manifesta necessidade para os enfermos”³⁸. Só o amor pelos doentes e pelos leprosos pode motivar não só a aceitação do dinheiro, mas também pedir esmolas: “Se, contudo, houver leprosos em situação de manifesta necessidade, podem os irmãos colher esmolas para eles” (RnB VIII: FF 28). A firmeza diante do princípio de não mendicância - a ponto de enfatizar isso com diferentes facetas: “de forma alguma junte, receba ou faça receber” - retrocede, com a audácia da caridade, para as necessidades dos doentes³⁹. “As necessidades dos leprosos” são a justificativa, superior a qualquer ascetismo, para ir além da ordem para não receber dinheiro. Pela mesma razão e pela mesma misericórdia para com os frades doentes, embora os frades não possam manter bestas e montá-los, aqueles que estão doentes ou em caso de necessidade estão isentos dessa proibição: “Nem lhes seja lícito andar a cavalo, a não ser que se vejam obrigados por doença ou por grande necessidade” (RnB XV: FF 41; cfr. RB III: FF 85). Diante de seu irmão sofredor, Francisco pede um coração evangélico que saiba se colocar no lugar dos outros e que saiba ir além da segurança de estar dentro do cômodo da observância⁴⁰.

³⁴ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 92.

³⁵ Escrevendo às Pobres senhoras, então, ele diz “Quelle ke sunt aggravate de infirmitate et l’altre ke per loro suò affatigate, tutte quante lo stostengate en pace” (Aud 9-11: FF 263/1).

³⁶ Mais sóbria aparece na RB a atenção para os doentes: “E se algum deles adoecer, os outros frades devem servi-lo como gostariam de ser servidos a si mesmos.” (RB VI: FF 92).

³⁷ Cf. também “Porém em momentos de manifesta necessidade os frades não são obrigados ao jejum corporal” (RB III: FF 84).

³⁸ Também na RB IV: FF 87 o mesmo conceito é afirmado: “Mando firmemente a todos os frades que de nenhum modo recebam dinheiro ou pecúnia por si ou por intermediário. Mas, para as necessidades dos enfermos e para vestir os outros frades, os ministros apenas e os custódios, por meio de amigos espirituais, tenham solícito cuidado, segundo os lugares e tempos e frias regiões, como lhes parecer servir à necessidade”.

³⁹ “Bem-aventurado o homem que suporta o próximo segundo a sua fragilidade naquilo em que gostaria de ser suportado por ele, se o seu caso fosse parecido.” (Am XVIII,1: FF167).

⁴⁰ Na Paráfrase ao Pai nosso, a comunhão com homens é transformada em sofrimento “juntamente com eles” para os males que subjuga-los (Pater 5: FF 270). Para uma leitura teológica-espiritual da Regra bulada cf. T. Matura, *Lettura spirituale della Regula Bullata Fratrum Minorum, in Italia Francescana* 84 (2009) 1, 67-87.

Em Francisco de Assis há um imenso amor por aqueles que estão em fraqueza. Tanta misericórdia⁴¹ também se manifesta nas palavras de admoestação que ele dirige ao frade doente, de modo que, na fraqueza, ele não pode correr o risco de perder o caminho eucarístico do Evangelho: “E peço ao irmão enfermo que por tudo dê graças ao Criador, e seu próprio desejo seja de ser assim como Deus quiser, são ou doente; pois todos os que Deus predestinou para a vida eterna, disciplinados por estímulos de flagelos e enfermidades e pelo espírito de compunção, conforme diz o Senhor: ‘Eu repleto e corrijo todos os que amo’. Se, porém, um irmão enfermo ficar perturbado ou se exaltar contra Deus ou contra os irmãos, ou acaso exigir remédios com demasiada insistência para curar o corpo, que está fadado a morrer em breve é um inimigo da alma, isto lhe é inspirado pelo maligno; é um homem carnal; nem parece ser dos Irmãos, amando mais o corpo que a alma.” (RnB X: FF 35). A gratuidade é a palavra que o frade dirige ao Criador tanto na saúde quanto na doença, uma vez que todos “em toda parte, em qualquer lugar, a toda hora e tempo, diária e continuamente, creiamos sincera e humildemente, retenhamos no coração e amemos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e sobre-exaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, trino e uno, Pai, Filho e Espírito Santo” (RnB XXIII: FF 71)⁴².

Sobre a proximidade com nossos irmãos doentes, o Papa Francisco relata um diálogo que teve com uma mulher consagrada: “Ah sim Padre, na minha comunidade a superiora nos deu permissão para sair, para ir aos bairros pobres com as pessoas... – “E na tua comunidade, há freiras idosas?” – “Sim, sim... Há a enfermaria, no terceiro andar.” – “E quantas vezes por dia você vai visitar suas irmãs, as idosas, que poderiam ser sua mãe ou sua avó?” – “Mas, Padre, sabe, estou muito ocupada com o trabalho e não posso ir...”. Proximidade! Qual é o primeiro *próximo* de uma pessoa consagrada? O irmão ou irmã da comunidade. Este é o seu primeiro próximo. E também uma proximidade afetuosa, boa, com amor”⁴³.

Meios de comunicação

“Os meios de comunicação social contribuem para o desenvolvimento da pessoa e a extensão do Reino de Deus. Porém, a sua escolha e o seu uso exigem maturidade de discernimento e moderação, evitando tudo aquilo que contraste com a fé, com a moral e com a vida de consagração” (Cost. 96,1).

Não é possível, hoje em dia, não estar envolvido nos meios de comunicação social (tradicionais ou inovadores). Eles têm utilidades múltiplas e podem contribuir para o crescimento da pessoa e para a evangelização. S. Paulo VI com o decreto sobre os instrumentos de comunicação social *Inter Mirifica* colhe a riqueza que eles implicam para a humanidade: “Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriam novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens, mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação

⁴¹ Cf. M. Scala, *La misericórdia nell'esperienza cristiana di Francesco d'Assisi secondo gli Scritti*, in *Italia Francescana* 91 (2016) 3, 439-448.

⁴² cf. D. Dozzi, *La Regola di San Francesco tra Vangelo e vita*, in *Italia Francescana* 84 (2009) 1, 49-66.

⁴³ Papa Francisco, *Encontro do Santo Padre Francisco com os participantes do Jubileu da Vida Consagrada*, 1 de fevereiro de 2016.

social. A mãe Igreja sabe que estes meios, retamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao gênero humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus” (IM 1.2). Sobre os usuários se especifica “Tendo-se na devida conta que o uso dos meios de comunicação social, que se dirigem a pessoas diferentes na idade e na cultura, requer nestas pessoas uma formação e uma experiência adequadas e apropriadas, devem favorecer-se, multiplicar-se e encaminhar-se, segundo os princípios da moral cristã, as iniciativas que sejam aptas para conseguir este fim – sobretudo se se destinam aos jovens – nas escolas católicas de qualquer grau, nos Seminários e nas associações apostólicas dos leigos. Para que se obtenha isto com maior rapidez, a exposição e explicação da doutrina e disciplina católicas nesta matéria devem ter lugar no ensino do catecismo” (IM 16). Em relação aos deveres dos usuários, afirma-se: “Deveres peculiares competem a todos os destinatários da informação, leitores, espectadores e ouvintes, que, por pessoal e livre escolha, recebem as informações difundidas por estes meios de comunicação. Na realidade, uma reta escolha exige que estes favoreçam plenamente tudo o que se destaca pela perfeição, ciência e arte, e evitem, em contrapartida, tudo o que possa ser causa ou ocasião de dano espiritual para eles e para os outros, pelo mau exemplo que possam ocasionar-lhes, e o que dificulte as boas produções e favoreça as más produções e boas, o que sucede amiúde, contribuindo economicamente para empresas que somente atendem ao lucro com a utilização destes meios. Assim, pois, para que os destinatários da informação cumpram a lei moral, devem cuidar de informar-se oportunamente sobre os juízos ou critérios das autoridades competentes nesta matéria e segui-los segundo as normas da reta consciência, todavia, para que possam, com maior facilidade, opor-se aos maus conselhos e apoiar plenamente os bons, procurem dirigir e formar a sua consciência com os recursos adequados” (IM 9).

Entre os muitos instrumentos para a formação da consciência estão as mensagens que o Santo Padre envia todos os anos por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais. Na Mensagem para o XLVIII Dia Mundial com o tema **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro** assim disse: “Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. [...] Neste modo, os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os *mass-media* podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus. No entanto, existem aspectos problemáticos: a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correta de si mesmo. A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e económicos.

O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós. Sem esquecer que a pessoa que, pelas mais diversas razões, não tem acesso aos meios de comunicação social corre o risco de ser excluído. Estes limites são reais, mas não justificam uma rejeição dos *mass-media*; antes, recordam-nos que, em última análise, a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica. Portanto haverá alguma coisa, no ambiente digital, que nos ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca? Devemos, por exemplo, recuperar um certo sentido de pausa e calma. Isto requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar. Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida. [...] Então, como pode a comunicação estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro? E – Para nós, discípulos do Senhor – que significa, segundo o Evangelho, encontrar uma pessoa? Como é possível, apesar de todas as nossas limitações e pecados, ser verdadeiramente próximo aos outros? Estas perguntas resumem-se naquela que, um dia, um escriba – isto é, um comunicador – pôs a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ (Lc 10, 29). Esta pergunta ajuda-nos a compreender a comunicação em termos de proximidade. Poderíamos traduzi-la assim: Como se manifesta a «proximidade» no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? Encontro resposta na parábola do bom samaritano, que é também uma parábola do comunicador. Na realidade, quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Apraz-me definir este poder da comunicação como ‘proximidade’. [...] Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais. Tenho-o repetido já diversas vezes: entre uma Igreja acidentada que sai pela estrada e uma Igreja doente de auto referencialidade, não hesito em preferir a primeira. E quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efetiva e afetivamente, alcançar. Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança. Também graças à rede, pode a mensagem cristã viajar ‘até aos confins do mundo’ (At 1, 8). Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto duma Igreja assim? A comunicação concorre para dar forma à vocação missionária de toda a Igreja, e as redes sociais são, hoje, um dos lugares onde viver esta vocação de redescobrir a beleza da fé, a beleza do encontro com

Cristo. Inclusive no contexto da comunicação, é precisa uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração.

O testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros «através da disponibilidade para se deixar envolver, pacientemente e com respeito, nas suas questões e nas suas dúvidas, no caminho de busca da verdade e do sentido da existência humana (Bento XVI, *Mensagem para o XLVII Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2013). Pensemos no episódio dos discípulos de Emaús. É preciso saber-se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, para compreender os seus anseios, dúvidas, esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo de bom para dizer, dar espaço ao seu ponto de vista, às suas propostas. Dialogar não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas à pretensão de que sejam únicas e absolutas. Possa servir-nos de guia o ícone do bom samaritano, que liga as feridas do homem espancado, deitando nelas azeite e vinho. A nossa comunicação seja azeite perfumado pela dor e vinho bom pela alegria. A nossa luminosidade não derive de truques ou efeitos especiais, mas de nos fazermos próximo, com amor, com ternura, de quem encontramos ferido pelo caminho. Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital. É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus⁴⁴. Todo desafio precisa de acompanhamento e discernimento⁴⁵. A fraternidade, sob a orientação do guardião, realiza este serviço de crescimento “para que sejam protegidas a pobreza, a vida de oração e o silêncio, a comunhão fraterna e o trabalho; e, ao mesmo tempo, para que tais meios sirvam ao bem e à atividade de todos” (Cost. 96,2).

Colaboração entre circunscrições.

"Fraternidade São Lourenço de Brindisi"

“Enquanto membros de uma Ordem de irmãos, desenvolvamos em nós o sentido de pertença a toda a Família Capuchinha. De boa vontade, empreendamos e desenvolvamos a colaboração entre as nossas circunscrições, apoiando a vitalidade do nosso carisma e o bem da Ordem, mais do que a

⁴⁴ Papa Francisco, *Mensagem do Santo Padre Francisco para o dia mundial das Comunicações XLVIII*, 01 de junho de 2014.

⁴⁵ Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *A Vida fraterna em comunidade. “Congregavit nos in unum amor”* (2 de fevereiro de 1994), 34: “O considerável impacto do mass media sobre a vida e a mentalidade dos nossos contemporâneos também toca as comunidades religiosas e, não raramente, condiciona as comunicações internas. Assim, a comunidade, consciente do influxo delas, educa-se para as utilizar para o crescimento pessoal e comunitário, com a clareza evangélica e a liberdade interior de quem aprendeu a conhecer Cristo (cf. *Gal 4,17-23*). Esses, de fato, propõem e muitas vezes impõem uma mentalidade e um modelo de vida que continuamente confrontam os valores do evangelho. Quanto a essa percepção de muitas partes se pede uma formação aprofundada para a recepção e uso crítico de tais meios. Por que eles não são objeto de valoração, de verificação, de programações nos periódicos encontros da comunidade? [...] Se impõe um equilíbrio justo: o uso moderado e prudente dos meios de comunicação (44), acompanhado do discernimento comunitário, pode ajudar melhor a comunidade para que conheça a complexidade do mundo da cultura, pode permitir uma recepção confrontada e crítica, e, finalmente, ajudar a valorizar o impacto deles em vista dos vários ministérios pelo Evangelho.”

sobrevivência das estruturas” (Const. 100, 1-2).

A colaboração entre circunscrições ocorre de diferentes maneiras e em diferentes níveis. Essa é um evento formativo tanto no seu sentido quanto no que é necessário ser formado nesse sentido, e no sentido de que a colaboração já está formando um senso de pertencimento com uma identidade internacional. Feito da reciprocidade entre aqueles que acolhem um dom e aqueles que o recebem. “Conscientes de que o Batismo e a Profissão estabelecem entre nós vínculos mais fortes do que os laços naturais, acolhamos a múltipla riqueza das diversas culturas, promovendo, também entre nós, o encontro e o diálogo” (Cost. 100, 5). Toda experiência de colaboração é uma experiência de fé⁴⁶ que enriquece a todos: os frades que partem como aqueles que acolhem. E ao mesmo tempo - cada experiência de colaboração - requer o ascetismo relacional de todos: é um encontro entre culturas, diferentes maneiras de viver o evangelho e o carisma franciscano-capuchinho.

No contexto da colaboração entre as circunscrições, nasce o projeto: “Fraternidade para a Europa”, renomeado: “Fraternidade São Lourenço de Brindisi”⁴⁷.

Na carta à Ordem no início do mandato de seis anos, o Ministro-Geral fr. R. Genuin escreve: “O projeto se desenvolveu e atualmente, embora de diferentes formas, as fraternidades de Clermont Ferrand e Lourdes na França, de Kilkenny na Irlanda, de Anversa na Bélgica, de León na Espanha e de Spello na Itália. Uma vez que a iniciativa já parece dar frutos muito positivos, e também forte do mandato do Capítulo Geral, queremos nos comprometer a apoiá-la cada vez mais. No momento, estamos pensando e trabalhando para estabelecer duas outras fraternidades com essas características, ou seja, Meersel-Dreef na Bélgica, na fronteira com a Holanda, e no santuário de *Máriabesnyő*, nossa antiga presença na Hungria. Em seguida queremos também valorizar, nesse sentido, as *Celle di Cortona*: um de nossos lugares franciscano por excelência, que acreditamos que pode responder muito bem à necessidade de muitos frades para saborear nossa espiritualidade nas raízes, para voltar um pouco às fontes, para passar, por um tempo mais ou menos prolongado, um período sereno em uma atmosfera de simplicidade, oração e acolhida. Naturalmente, para todas

⁴⁶ Cf. J. Corriveau, *La fraternità evangelica in un mondo che cambia. Identità, Missione, animazione*, 2002. Em uma passagem, assim disse: “O batismo - e a sua particular ação nos vínculos da fraternidade franciscana – modela uma solidariedade, uma unidade e uma mutua dependência que são mais fortes e eficazes que qualquer vínculo étnico. *A água é mais forte que o sangue!* Isso requer uma profunda conversão. A conversão que nasce do batismo e a conversão à fraternidade franciscana devem ser expressas nas decisões de agir de modo diferente e de dar concreta expressão à visão da Regra: *Se a mãe nutre e ama o seu filho carnal, quanto mais dedicadamente um deve amar e nutrir o seu irmão espiritual? (Rb VI,8).*”

⁴⁷ Em Fátima, de 1 a 5 de dezembro de 2014, o Conselho geral, os Ministros provinciais, os Custódios e os Delegados da Europa, unidos aos Presidentes das Conferências da nossa Ordem, encontraram-se para “falar da Europa”. Depois desta assembleia, o então Ministro Geral fr. M Jöhri enviou a carta *Fraternità per l’Europa: Riflessioni e indicazioni dopo l’incontro di Fatima*, compartilhando algumas impressões. A estes foi adicionado a proposta de como pretendemos continuar o caminho: “A colaboração dos funcionários de algumas províncias europeias não resolveu os problemas existentes e não foi capaz de gerar vida nova. Queremos tentar um novo caminho, constituindo fraternidades interculturais, que à luz do Evangelho e de nossa Constituição vivam a oração, a vida fraterna e a missão de forma autêntica e coerente. O recurso da interculturalidade será o testemunho, que irmãos de diferentes culturas, se eles olham para Cristo presente entre eles, podem viver, doarem-se e trabalharem juntos. Somos sustentados pela consciência de que o carisma de Francisco de Assis, vivido e testemunhado, ainda tem muito a dizer e comunicar aos homens e mulheres de nosso tempo. Ainda não sabemos qual será o resultado deste itinerário; mas com esperança em nossos corações queremos começar a dar nossos primeiros passos”.

essas iniciativas, pedimos a disponibilidade e entusiasmo dos irmãos que desejam se lançar um pouco na bela aventura. Informe sua disponibilidade aos seus Ministros Provinciais e ao Conselheiro Geral da área, que saberá coordenar tudo e responder da melhor forma, de acordo com os desejos que cada um cultiva e as novas oportunidades de crescimento e testemunho que o Projeto oferece”⁴⁸.

Estas fraternidades constituem uma rede carismática e não são fraternidades “especiais”. Assim escrevia fr. M. Jöhri: “Desejo ver surgir fraternidades que vivam uma fé sincera e profunda, onde a qualidade das relações fraternas se torna testemunho do Amor de Deus, e lugar de acolhida capaz de gerar propostas de seguimento do Senhor Jesus. Queremos evangelizar com a nossa vida cotidiana e o desejamos fazer em comunhão com a Igreja local e com as realidades eclesiais aonde o Senhor nos dará a graça de estarmos presentes”⁴⁹.

Sair nunca é fácil, como narra o colóquio entre S. Francisco de Assis e o bispo de Óstia, que disse assim ao frade: “Por que enviaste teus frades assim tão longe para morrerem de fome e para suportarem, talvez, toda qualquer tribulação?”. Com grande fervor e inspiração profética S. Francisco lhe respondeu: ‘Vossa mercê, acredita que Deus fez surgir os frades apenas para estas regiões? Porém, eu lhe digo, sinceramente, que Deus escolheu e mandou os frades para o bem e a salvação das almas de todos os seres humanos do mundo: não só nos lugares de cristãos, mas também para aqueles dos que não acreditam, ali serão acolhidos e conquistarão muitas almas’. Ficando admirado por tais palavras, o bispo de Óstia confirmou que aquilo era verdade” (FF 1758).

Para encorajar as formas de colaboração entre as circunscrições o ministro geral fr. Roberto Genuin assim escreve: “Há também uma outra forma de colaboração entre as Circunscrições, começada a algum tempo com muitos efeitos benéficos, que acreditamos dever sustentar com o máximo empenho, porque pensamos que vai caracterizar fortemente o futuro da Ordem: trata-se de abertura generosa, e qualificante à dimensão fraterna, à colaboração entre circunscrições vizinhas ou da mesma área. Quem já começou decisivamente neste caminho, e encarou sem escapar as dificuldades implicadas, sabe quanto a benefício colaboração traz, em particular para as novas gerações da Ordem, que aprendem sem esforço a estarem abertas à dimensão global de nossa fraternidade, sem advir por isso limites ou tristezas à fraternidade local, porque confiam em nosso maior e pluriforme enriquecimento”⁵⁰.

Família franciscana

Nós Frades Menores Capuchinhos fazemos parte de uma grande família franciscana. Compartilhamos nosso carisma com os frades da I Ordem que professam a Regra de São Francisco, mas também com as irmãs Clarissas, com a OFS e a JUFRA. Em 23 de dezembro de 2018, a

⁴⁸ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all’Ordine all’inizio del nuovo sessennio*, 2019: Assim ele diz novamente na mesma Carta: “Dado os resultados positivos e o impulso do Capítulo, o Conselho Geral pretende então verificar a possibilidade de iniciar alguma fraternidade intercultural também na América, como o ‘Progetto *Fraternità per l’Europa*’; na verdade, acreditamos que pode ser uma ferramenta válida para dar nova vida a outras circunscrições fora dos limites territoriais do velho continente. Então, para superar a designação geográfica e tomar como referência este ano jubileu dedicado a São Lourenço de Brindis – homem que sabia de modo admirável como combinar oração prolongada, preparação cultural e compromisso incansável de implantar efetivamente e fazer a Ordem progredir de modo florescente – foi decidido a nomear o Projeto não mais ‘*Fraternità per l’Europa*’ mas ‘*Fraternità San Lorenzo da Brindisi*’.

⁴⁹ M. Jöhri, *Fraternità per l’Europa: Riflessioni e indicazioni dopo l’incontro di Fatima*, 2015.

⁵⁰ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all’Ordine all’inizio del nuovo sessennio*, 2019.

Conferencia dos Ministros gerais da Primeira Ordem franciscana e da Terceira Ordem Regular escreveram a todos os frades, aos irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular e da Juventude Franciscana, na ocasião do 40º aniversário da promulgação da Regra da OFS⁵¹. Acerca da custódia recíproca, lemos em uma passagem da carta: “A colaboração e a comunhão entre os membros da Família Franciscana, hoje mais do que nunca, deve se manifestar em uma custódia recíproca e em um enriquecimento mútuo. Por um lado, na verdade, a Igreja confiou aos frades da Primeira Ordem e da TOR o cuidado espiritual e pastoral do OFS, como mencionado na Regra: “Como sinal concreto de comunhão e coresponsabilidade, os Conselhos dos diferentes níveis, de acordo com as Constituições, pedirão assistência religiosa adequada e preparada aos Superiores das quatro famílias religiosas franciscanas, às quais a Fraternidade Secular está ligada há séculos.” (Reg OFS III, 26). Por outro lado, os membros do OFS são chamados a manifestar o caráter secular do carisma franciscano, que é o que caracteriza sua espiritualidade e vida apostólica, e assim, vivendo plenamente seu chamado específico, eles, por sua vez, preservarão com oração e ação a vocação dos frades cujo carisma compartilham.”⁵².

“Lembrados da promessa de São Francisco a Santa Clara e às irmãs pobres de São Damiano, devemos ter sempre diligente cuidado e especial solicitude para com as nossas irmãs da Segunda Ordem que, na vida contemplativa, oferecem quotidianamente o sacrifício do louvor, buscam, na solidão e no silêncio, a união com Deus, e dilatam a Igreja com secreta fecundidade apostólica” (Const 101,3). S. Clara de Assis escreve em seu Testamento: “E [Francisco] movido de afeição por nós, obrigou-se conosco, por si e por sua Religião, para sempre ter cuidados diligentes e solicitude especial para nós, bem como para seus irmãos” (*Testamento di Sta. Chiara*, 29).⁵³

⁵¹ Papa Paulo VI no 24 de junho de 1978, com a carta apostólica *Seraphichus Patriarcha*, aprovou a Regra renovada da Ordem Franciscana Secular.

⁵² A conferência dos ministros gerais da Primeira Ordem franciscana, da Terceira Ordem Regular ele escreveu para todos os frades e irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular e à Juventude Franciscana por ocasião do 40º aniversário da promulgação do Regra OFS, 23 de dezembro de 2018.

⁵³ Fr. John Corriveau escreveu em 2006: “O testemunho das Clarissas é de grande importância para os irmãos da Primeira Ordem. Nos VI e VII CPO’s descobrimos que a nossa pobreza e a nossa minoridade constroem a comunhão na Igreja e no mundo. Os escritos da Irmã Clara oferecem aos frades um chamado: “*Olhe, medite, contemple e anseie para imitá-lo*”. Quando “imitar” é desvinculado de “olhar, meditar e contemplar” alguém cai no ativismo social sozinho. [...] O compromisso das Irmãs clarissas permanece como um desafio constante para os frades, indicando que não é possível imitar sem olhar, considerando e contemplando. Citando mais uma vez o Papa Bento XVI também de Clara podemos afirmar “*Aqueles que vão a Deus não se distanciam dos homens, mas se tornam verdadeiramente próximos deles*.” (Bento XVI, *Deus caritas est*, 42). A vitalidade espiritual de Santa Clara estendeu-se além do claustro de São Damiano até chegar a Praga e a vida de Agnes e das irmãs, mas também atingiu os pobres fora da porta de São Damiano, envolveu os pobres da Úmbria na mesma vida do mosteiro. Sua presença fechada no espaço de Deus a cercou de homens e mulheres que reconheciam que sua oração tinha apenas um poder, o do Amor, o único poder que cria a Vida” (J. Corriveau, *Immagine della sua stessa divinità*, 2006). Também Fr. M. Jöhri queria enfatizar o vínculo com as irmãs clarissas, dirigindo-se a elas numa carta na qual o caminho que nós capuchinhos fizemos é destacado: “A relação entre Francisco e Clara é fundamentalmente de comunhão, na consciência de expressar duas faces do mesmo carisma. Esta relação original configura a relação entre nossas Ordens. A promessa do fundador de ter cuidado e solicitude fraternal, como para seus irmãos, é hoje a motivação para nossa proximidade. A associação jurídica não é importante, nem mesmo a pastoral ou o serviço sacerdotal de capelães e confessores. O que mais importa entre nós é a relação de fraternidade. Nossa reforma capuchinha tinha um forte desejo de voltar à intenção primordial de São Francisco e, nos primeiros momentos, não queria cuidar dos mosteiros das freiras, pois era considerado um trabalho estável, fixo e delicado, contrário à pobreza e à itinerância. Assim, as primeiras Constituições da nossa Reforma proibiam-no absolutamente. (cf. *Costituzioni Cappuccine*

Deve-se também salientar que “dentro da Família Franciscana, ocupa um lugar especial a Fraternidade ou Ordem Franciscana Secular, que compartilha e promove o espírito genuíno e que é necessário à plenitude do carisma franciscano” (Const. 102,1). O carisma comum significa que o cuidado espiritual e pastoral do OFS é confiado à Primeira Ordem Franciscana e à Terceira Ordem Regular (Const. 102,3.).

A vida dos frades no mundo

“São Francisco entendeu que a Igreja nasceu como uma comunidade e por essa razão ele estava profundamente convencido de que o Evangelho continuaria a crescer no mundo através da fraternidade. Então ele enviou seus frades *dois a dois* para proclamar penitência e paz. (1 Cel 29, FF 366; ib.30, FF 368; ecc.; cfr. Mc 6,7; Lc 10,1). Francisco se via como um irmão; o que determinou sua maneira de servir e proclamar o evangelho. [...] “Quero que esta fraternidade seja chamada de Ordem dos Frades *Menores!*” (1 Cel 38, FF 386). Foi precisamente a minoridade que fez da fraternidade franciscana primitiva uma força evangélica tão poderosa no mundo.”⁵⁴. Sua conversão à fraternidade minoritica começou conhecendo a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. A partir dela, ele aprendeu que “a sabedoria que foi revelada para nós na Epístola para os Efésios *“Cristo... é nossa paz... ele nos reconciliou com Deus... através de sua cruz, ele destruiu o que nos separou”* (Ef 2,14 ss.). Paz e reconciliação são elementos fundamentais do apostolado de São Francisco. Em seu Testamento, na verdade, ele afirma que foi o próprio Senhor que lhe revelou as palavras de bons desejos que o caracterizaram.: *“Que o Senhor te dê paz!”*. Francisco cantou e orou por paz e perdão também com estas palavras: *“Louvado sejam, meu Senhor, por aqueles que perdoam por seu amor ... Bem aventurados, Senhor, aqueles que o sustentam em paz, por isso, Altíssimo, serão coroados”*. São Francisco alcançou paixão e amor pela paz e reconciliação por sua experiência de violência e divisão familiar, social e cívica em Assis e na Itália do século XIII. A cruz revelou-lhe uma alternativa. Em Francisco o espírito de vingança tornou-se reconciliação. A violência generalizada e cega que, em muitos aspectos, afeta o mundo inteiro hoje deve despertar em nós a mesma paixão pela paz e reconciliação. Cristo é nossa paz! [...] Francisco contemplou Cristo em seu próximo, Francisco contemplou Cristo na cruz de São Damião, a partir desta fonte de sabedoria que Francisco inspirou nos cidadãos de Arezo, Damieta, Assis, Borgo Santo Sepulcro o amor que reconcilia. O coração desarmado de Francisco inspirou a paz criativa e reconciliadora em seu mundo.”⁵⁵ Sua experiência o levou a dizer: “Verdadeiramente pacíficos são aqueles que, com todas as coisas que sofrem neste mundo, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo guardam a paz na alma e no corpo” (Am 15:FF 164). A paz fez de Francisco e dos frades homens de reconciliação⁵⁶, enviados ao mundo para “curar feridas,

del 1536, cap. XI). A venerável Lorenza Longo fez um verdadeiro ‘milagre’ obtendo que em 1538 o Papa reconhecesse o mosteiro de Nápoles, já aprovado em 1535, para ficar sob a primeira regra de Santa Clara e agregado aos capuchinhos (cf. Papa Paulo III, Motu proprio *Cum Monasterium*, 10 de dezembro de 1538). A inspiração e paixão de Madre Lorenza permitiu que a reforma capuchinha recuperasse a maneira original de expressar as duas faces do mesmo carisma” (M. Jöhri, *Due volti dello stessa carisma*, lettera alle Clarisse Cappuccini, 25 de março de 2017).

⁵⁴ J. Corriveau, *Fraternità evangelica*, 1997.

⁵⁵ J. Corriveau, *Il coraggio di essere minori*, 1994.

⁵⁶ É assim que Celano diz: “ In ogni suo sermone, prima di comunicare la parola di Dio al popolo radunato, augurava la pace dicendo: “Que o Senhor lhe dê paz!” Esta paz ele sempre proclamou sinceramente para homens e mulheres, para todos aqueles que se conheceram ou vieram até ele. Desta forma, muitos que odiavam a paz e sua própria salvação juntos, com a ajuda do Senhor abraçaram a paz com todos os seus corações, tornando-se filhos desta paz e desejosos de salvação eterna.” (1Cel X,23; FF359). Cf. também fr. M. Jöhri, *Annunciare la misericordia*, 2015. Além disso, a homilia que o

amarrar fraturas, recordar os perdidos”⁵⁷. Na Legenda Perugina e no Fioretti lemos alguns episódios e notamos que “uma característica notável é a grande diversidade de instrumentos usados para a reconciliação mesma: Para trazer a paz a Montecasale e reconciliar os ladrões, os frades prepararam uma comida com muitos pães e bom vinho (Fior XXVI:FF 1858); Para libertar Arezzo dos demônios do ódio e da guerra Francisco enviou o santo pregador Fr. Silvestre (Legper 81:FF 1637); O canto de uma nova estrofe do “Cântico das criaturas” reconciliou o bispo e o podestá de Assis (Legper 44:FF 1593). Lendo essas belas narrativas, muitas vezes me perguntava como Francisco chegou a escolher aqueles “instrumentos” de reconciliação: pão e vinho em Montecasale, Silvestre em Arezzo, um canto em Assis. “*Onde o pecado abundou, a graça transbordou*” (Rom 5,20). Francisco teve a intuição evangélica de procurar os sinais de redenção precisamente onde a ausência era mais evidente! A injustiça em nosso mundo raramente é eliminada por grandes gestos. O cardeal Arns disse que “os eventos importantes da história são as mil ações humildes que curam e reconciliam”. Francisco foi ao Sultão. No entanto, suas forças mais criativas para mudar a sociedade de seu tempo devem ser encontradas nas “ações humildes que curam e reconciliam” que ele fez na Úmbria e no Vale do Rieti. “*A sabedoria...é encontrada por quem a procura...encontrá-la-á sentada a sua porta*” (Sab 6,12-14). O Espírito Santo está trabalhando e mudando o mundo. Deve ser um presente especial dos franciscanos, especialmente daqueles que desejam, com grande paixão, mudar as estruturas de nossa sociedade, descobrir os novos e dinâmicos instrumentos de justiça e reconciliação que se manifestam continuamente no mundo. Isso requer uma visão contemplativa da fé. Como Francisco, vamos começar descobrindo as forças da esperança que estão presentes à nossa porta! [...] A primeira mudança a ser buscada é a do nosso coração e de nossas fraternidades. Nossas fraternidades são chamadas a serem “um ponto de referência cordial e acessível” para aqueles que sedentos por justiça e fraternidade autêntica no mundo.”⁵⁸ No carisma franciscano, a aceitação é completada com a

Papa Francisco nos ofereceu – Escreve fr. M. Jöhri na carta *Siate uomini di perdono* de 11 de fevereiro de 2016, lembrando o encontro com o Santo Padre em 9 de fevereiro de 2016 - durante a Eucaristia, ele destacou a graça do perdão sacramental: “sua tradição, dos capuchinhos, é uma tradição de perdão. Entre vocês há muitos bons confessores”. O Papa nos lembrou que aquele que é capaz de perdoar está ciente de que ele é um pecador e sempre pede perdão para si mesmo. O Papa continuou a dizer: “Vocês capuchinhos têm este presente especial do Senhor: perdoar. E eu lhe pergunto: não se canse de perdoar.” Em seguida, o apelo ressoou fortemente: “Sejam homens de perdão, de reconciliação, de paz!”.⁵⁷ *3Comp XIV,58; FF 1469*: “A paz que você proclama com sua boca, tenham-na ainda mais abundante em seus corações. Não provoque ninguém para raiva ou escândalo, mas que todos sejam atraídos pela paz, bondade e harmonia por sua mansidão. Esta é a nossa vocação: curar feridas, amarrar fraturas, recordar os perdidos. Muitos que nos parecem ser membros do diabo, que um dia se tornem discípulos de Cristo”.

⁵⁸ John Corriveau, *Compassione: Per un approccio francescano al tema di Giustizia, Pace ed Ecologia*, 1997. Ligado ao tema da paz está o episódio do lobo de Gubio (Fioretti XXI). Comentando-lo, assim escreve o ministro J. Corriveau: «Com grande simplicidade os Fioretti anunciam a libertação de Gubbio: “colocando toda a sua confiança em Deus” Francisco “fazendo-se o sinal da santíssima cruz, ele saiu daquela terra com seus companheiros”. A confiança de Francisco em Deus é baseada na Cruz e na fraternidade: estes devem ser os instrumentos de libertação. É com o poder da cruz que o irmão Francisco vai encontrar o lobo, que resume em si mesmo todos os medos de Gubio. Muito antes de ir armado com a cruz para enfrentar o lobo de Gubio, Francisco já havia levantado a mesma cruz acima da cabeça de seus irmãos no Porciuncola. A Escritura Sagrada descreve a era messiânica como uma era de paz excepcional. Francisco se propôs a criar precisamente esta “Nova Jerusalém” em Santa Maria dos Anjos. Ele exortou seus frades à intensa oração, à comunhão sincera na fraternidade e a suportar os fardos uns dos outros. Podemos ver como o respeito mútuo, especialmente ao falar, estava muito presente em suas vidas. Um frade culpado de detração foi obrigado a pedir perdão por sua falta e recitar os louvores de Deus em voz alta, para que todos pudessem ouvi-lo! (*Specchio di perfezione*, 82). Esse esforço para construir a paz evangélica significava que o próprio Francisco tinha que abraçar a Cruz. Tal esforço não poderia deixar de explicar seu discurso sobre “Perfeita Alegria”? O preço valeu a pena! Francisco foi assim capaz de possuir a força da unidade fraternal

dimensão missionária que é o amor preferencial de Deus pela humanidade⁵⁹.

“O cap. 13 do Evangelho de João tornou-se o modelo definitivo que Francisco propôs aos seus frades, um modelo que não só diz como eles devem tratar uns aos outros, mas também como eles devem se comportar em relação ao mundo, ou seja, como Frades Menores. A renúncia de Francisco ao poder é em todos os aspectos tão radical quanto sua renúncia à propriedade. [...] Vivemos como Frades Menores quando nos colocamos ao serviço da humanidade tentando unir o mundo em uma fraternidade universal. [...] A Ordem Capuchinha é um dos poucos institutos religiosos que está presente em todo o mundo. Esse dom da universalidade, que o Espírito Santo fez uma característica privilegiada da Ordem na era moderna, nos oferece a experiência de uma gama variada de desafios evangélicos. Ao mesmo tempo, esse dom da universalidade traz consigo a responsabilidade especial de formular respostas evangélicas em palavras e ação, respostas que são consistentes com o nosso carisma”⁶⁰.

A minoridade e a vida fraterna são nossa resposta evangélica às perguntas dos homens⁶¹. Também se expressa no desejo de dialogar com o mundo contemporâneo. “Esta forma de vida na fraternidade constitui um desafio e uma proposta no mundo de hoje, muitas vezes “rasgada pelo ódio étnico ou por loucuras assassinas”, cruzada por paixões e interesses conflitantes, ávidos por unidade, mas incertos “sobre os caminhos a tomar” (cf: *Vita consecrata*, 51). Viver a Fraternidade como verdadeiros discípulos de Jesus pode ser uma “bênção” singular para a Igreja e uma “terapia espiritual” para a humanidade. (cf. *ibid.*, n. 87)”.⁶² Na verdade, aqueles que dialogam colocam-se em uma atitude de discipulado e, portanto, de minoridade. O Papa Francisco escreve: “Vamos pensar no

e da paz evangélica, quando, “junto com seus companheiros”, conheceu o lobo de Gubio. A Cruz e a Fraternidade decidem sobre o resultado: “Venha aqui, irmão lobo! Eu ordeno a você do lado de Cristo que você não nos machuque nem a mim ou a outra pessoa”. Francisco pode mostrar a verdade ao lobo com amor, dizendo-lhe que seu grande ódio e violência “destrói as criaturas de Deus” e “mata homens feitos à imagem de Deus”. Francisco não tenta minimizar os crimes do lobo contra o povo da cidade. Francisco pode manifestar a verdade ao povo de Gubio com amor. Ele pede que reflitam sobre como o clima social de Gubio tem contribuído para a reação violenta do lobo: “... para pecados Deus permite tais coisas e pestes”. [...] A Cruz de Cristo e a fraternidade autêntica não poderiam dar a um capuchinho a compaixão, coragem e consistência para pronunciar tais palavras? Nunca poderemos provocar o ódio e a violência que nos cercam se não começarmos de dentro de nossas fraternidades locais e provinciais. Muitas vezes permitimos que o “lobo” viva entre nós: agressão passiva, denúncias violentas, abuso de álcool e drogas, racismo, abuso sexual e zombaria sarcástica. Nossos próprios irmãos e irmãs não podem ser curados nem podem aprender novas maneiras de encarar a vida se nossas fraternidades não constituem para eles um porto honesto e seguro onde eles podem abrir seus corações. Muitas vezes refletimos e discutimos as causas da violência em nosso mundo: pobreza, alienação, discriminação, danos psicológicos e físicos, as causas são infinitas. Tais estudos nos ajudam a entender e dar à luz compaixão em nós. No entanto, apenas a Cruz de Cristo e a fraternidade autêntica podem nos dar coragem e força para alcançar e tocar as raízes profundas do sofrimento. [...]. O primeiro santo da reforma capuchinha, fr. Felice da Cantalício, ele era um frade que certamente fez exatamente isso andando pelas ruas de Roma, falando de paz com a simples e alegre recepção de cada pessoa. Que sua vida seja uma inspiração para nossos esforços para fazer a paz triunfar na Terra.” (J. Corriveau, *Che la pace trionfi sulla terra!*, 1995).

⁵⁹ Cf. M. Jöhri, *Nel cuore dell'Ordine la missione*, 2009: “A ação missionária da Ordem não deve ser entendida em primeiro lugar como uma difusão quantitativa, mas sim como fazer o carisma de São Francisco presente em culturas que ainda não o conhecem. A nossa quer ser uma presença que pretende afetar a realidade que a cerca para enriquecê-la. Assim, ela não deixará de ser de apoio à comunidade cristã. Para estar presente desta forma é necessário, antes de tudo, esclarecer a própria vocação como Frades Menores: isso precede tanto a preparação intelectual quanto o desejo de “ir” em missão”.

⁶⁰ J. Corriveau, *Vi mando per il mondo intero...*, 1996.

⁶¹ Cf. M. Jöhri, *Identidade e Pertencimento dos Frades Capuchinhos Menores*, 2014.

⁶² João Paulo II, *Mensagem aos Capuchinhos Italianos por ocasião do Capítulo de Mats*, 22 de Outubro de 2003.

episódio dos discípulos de Emaús. É preciso saber como se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, a fim de entender suas expectativas, dúvidas e esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus fez o homem, morto e ressuscitado para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual. Diálogo significa estar convencido de que o outro tem algo de bom a dizer, abrindo espaço para seu ponto de vista, suas propostas. O diálogo não significa renunciar às próprias ideias e tradições, mas a alegação de que elas são únicas e absolutas”⁶³.

Visão Franciscana do Mundo

“O amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar duma *fraternidade universal*”⁶⁴. A relação com o criado é vivida na dimensão teológica da fraternidade: “Admirando imensamente o mundo criado e redimido, São Francisco sentia-se unido por um vínculo fraterno não só com as pessoas, mas também com todas as criaturas como ele as cantou, com arrebatamento admirável, no Cântico do Irmão Sol” (Cost. 105.1). O criado é, portanto, ligado fraternalmente à humanidade⁶⁵ e por ela pode ser beneficiada ou prejudicada. O Papa Francisco escreveu: “As feridas infligidas ao meio ambiente são inexoravelmente feridas infligidas à humanidade mais indefesa”. Escrevendo na Encíclica *Laudato si'*: “Não haverá nova relação com a natureza sem um novo ser humano. Não há ecologia sem antropologia adequada.” [...] Por favor, não se esqueça que a justiça social e a ecologia estão profundamente interconectadas!”⁶⁶

Compreender a dimensão da interdependência das múltiplas realidades criadas leva a um olhar contemplativo para o mundo. Admirando as obras de criação, das quais Cristo é o começo e o fim (cf. Const 105,2), o coração se abre para o louvor do Deus Altíssimo que é beleza, guardião e defensor,

⁶³ Papa Francisco, *Messaggio del Santo Padre Francesco per la XLVIII giornata mondiale delle comunicazioni sociali*, 24 de janeiro de 2014.

⁶⁴ Papa Francisco, *Laudato Si'. Sulla cura della casa comune*, Città del Vaticano 2015, n. 228.

⁶⁵ J. Corriveau, *Compassione: per un approccio francescano al tema di giustizia, pace ed ecologia*, 1997: “O sentimento de fraternidade fez Francisco se voltar para o mundo. Uma fraternidade estendida a toda a criação. Ele foi cativado pelo que poderia ser chamado de ‘fraternidade cósmica’. Celano descreve como Francis olhou para as realidades mais humildes... luz, água, fogo, vento, terra, plantas, animais, flores...com admiração. Ele foi capaz de ver as realidades ocultas da natureza. Não se contentou em louvar a Deus por suas criaturas. Confraternizou-se com eles, falando com as criaturas de Deus ‘com grande alegria, íntimas e externas, como seres dotados de sentimento, inteligência e palavra para Deus’ (Legper 49: FF 1598). Todas as criaturas formam uma família diante de Deus. Esta foi a nova e fresca intuição de Francisco”.

⁶⁶ Papa Francisco, *Messaggio al secondo forum della Comunità Laudato si'*, 6 de junho de 2019. É assim que lemos na mesma mensagem: “Nesta perspectiva pragmática, eu desejo dar-lhe três palavras. A primeira palavra é doxologia. Diante do bem da criação e acima de tudo diante do bem do homem que é o cume da criação, mas também do guardião, é necessário assumir a atitude de louvor. Diante de tanta beleza, com espanto renovado, com os olhos das crianças, devemos ser capazes de apreciar a beleza com que estamos cercados e com a qual a humanidade também é tecida. O louvor é fruto da contemplação, contemplação e louvor levam ao respeito, o respeito se torna quase veneração diante dos bens da criação e de seu Criador. A segunda palavra é Eucaristia. A atitude eucarística diante do mundo e de seus habitantes sabe como compreender o status de dom que cada pessoa viva carrega dentro de si mesmo. Tudo é dado a nós gratuitamente para não ser saqueado e engolido, mas para se tornar, por sua vez, um presente para compartilhar, um presente para dar para que a alegria possa ser para todos e ser, por essa razão, maior. A terceira palavra é ascetismo. Toda forma de respeito nasce de uma atitude ascética, ou seja, da capacidade de saber renunciar a algo por um bem maior, para o bem dos outros. O ascetismo nos ajuda a converter a atitude predatória, sempre à espreita, para tomar a forma de compartilhar, da relação ecológica, respeitosa e educada”.

"nossa vida eterna, grande e admirável Senhor, Deus Todo-Poderoso, Salvador misericordioso" (LodAI 6-7).

Conclusões

Este capítulo das Constituições nos mostra a beleza de uma vida fraterna evangélica e minorítica. Parece oportuno, como conclusão, escutar novamente a palavra do Ministro geral fr. Roberto Genuin, que na sua primeira carta circular escreveu: "Exatamente porque estamos certos que o Senhor não permanece inerte como simples expectador dos nossos esforços e falimentos, nem se põe apenas como modelo a ser imitado, mas está cotidianamente ao nosso lado e é Ele que faz de nós aquilo que Ele mesmo deseja, podemos sempre empreender ou retomar a jornada com confiança: temos na nossa frente um grande trecho de estrada para fazer, estamos todos conscientes e unidos sobre os valores que qualificam nossa identidade carismática, queremos nos comprometer a encarná-los com maior autenticidade, e o Senhor será capaz de nos guiar fielmente e efetivamente"⁶⁷.

Bibliografia

AA.VV., *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Biblioteca Einaudi, Torino 1997.

AA. VV., *Relazioni generazionali nella vita consacrata. Strategie di animazione e di governo*, Roma 2000.

Accrocca F., *L'identità complessa. Percorsi francescani fra Due e Trecento*, Centro Studi Antoniani, Padova 2014.

Benedetto XVI, *Udienza*, 23 marzo 2011.

Bianchi E., *La vita e i giorni. Sulla vecchiaia*, Il Mulino, Bologna 2018.

Carraro F. R., *Fratelli per vocazione*, lettera circolare 1985.

Conferenza dei ministri generale del Primo Ordine francescano e del Terz'Ordine regolare, *A tutti i frati e ai fratelli e sorelle dell'Ordine Francescano Secolare e della Gioventù Francescana in occasione del 40° anniversario della promulgazione della Regola OFS*, 23 dicembre 2018.

Conferenza italiana ministri provinciali cappuccini, *Progetto formativo dei frati minori cappuccini italiani*, EDB, Bologna 201.

Congregazione per gli Istituti di vita consacrata e le Società di vita apostolica, *La vita fraterna in comunità. "Congregavit nos in unum Christi amor"*, 2 febbraio 1994.

Corriveau J., *Il coraggio di essere minori*, Lettera circolare n.1, 2 settembre 1994.

Corriveau J., *Che la pace trionfi sulla terra!*, Lettera circolare n.5, 18 maggio 1995.

Corriveau J., *Vi mando per il mondo intero affinché rendiate testimonianza con la parola e con le opere*, Lettera circolare n.9, 2 febbraio 1996.

Corriveau J., *Fraternità evangelica*, Lettera circolare n.11, 2 febbraio 1997.

⁶⁷ R. Genuin, *Ringraziamo il Signore. Lettera all'Ordine all'inizio del nuovo sessennio*, 2019.

Corriveau J., *Compassione: per un approccio francescano al tema di giustizia, pace ed ecologia*, Lettera circolare n.12, 1 novembre 1997

Corriveau J., *La fraternità evangelica in un mondo che cambia. Identità, Missione, animazione*, Lettera circolare n.20, 31 marzo 2002.

Corriveau J., *Immagine della sua stessa divinità*, Lettera circolare n.27, 11 agosto 2006.

Costa F., *L'interpretazione del capitolo VI della Regola bollata nel mutare dei tempi*, in *Miscellanea Francescana* 111 (2011) 359-389

Dozzi D., *La Regola di San Francesco tra Vangelo e vita*, in *Italia Francescana* 84 (2009) 1, 49-66.

Fari S. (ed.), *Rapiti dall'amore. Discorsi e omelie di Benedetto XVI sulla vita consacrata*, Velar, Gorle (BG) 2014.

Francesco, *Evangelii Gaudium*, Esortazione apostolica, 24 novembre 2013.

Francesco, *Incontro con i partecipanti al Giubileo della Vita Consacrata*, 1 febbraio 2016.

Francesco, *Laudato Si'. Sulla cura della casa comune*, Enciclica, 24 maggio 2015.

Francesco, *Messaggio del Santo Padre Francesco per la XLVIII giornata mondiale delle comunicazioni sociali*, 24 gennaio 2014.

Francesco, *Messaggio al secondo forum della Comunità Laudato sì*, 6 giugno 2019.

Francesco, *Omelia* del 2 febbraio 2014.

Francesco, *Omelia* del 2 febbraio 2015.

Francesco, *Omelia* del 2 febbraio 2016.

Francesco, *Omelia* del 9 febbraio 2016.

Genuin R., *Ringraziamo il Signore. Lettera all'Ordine all'inizio del nuovo sessennio*, 14 aprile 2019.

Genuin R., *Lettera del Ministro Generale alle Clarisse Cappuccine*, 17 settembre 2019.

Giovanni Paolo II, *Lettera al padre John Corriveau, Ministro Generale dell'Ordine dei Frati Minori Cappuccini*, 18 settembre 1996.

Giovanni Paolo II, *Messaggio ai Cappuccini italiani in occasione del Capitolo delle Stuoie*, 22 ottobre 2003.

Giovanni Paolo II, *Novo Millennio Ineunte*, Lettera Apostolica, 6 gennaio 2001.

Giovanni Paolo II, *Vita Consacrata. Esortazione Apostolica post-sinodale circa la vita consacrata e la sua missione nella Chiesa e nel mondo*, 25 marzo 1996.

Jöhri M., *Ravviviamo la fiamma del nostro carisma*, Lettera, 8 dicembre 2008.

Jöhri M., *Nel cuore dell'Ordine la missione*, Lettera, 2 novembre 2009.

Jöhri M., *Identità e appartenenza dei Frati Minori Cappuccini*, Lettera, 4 ottobre 2014.

Jöhri M., *Fraternità per l'Europa: Riflessioni e indicazioni dopo l'incontro di Fatima*, Lettera, 28 gennaio 2015.

Jöhri M., *Il dono irrinunciabile dei fratelli laici per il nostro Ordine*, Lettera, 5 aprile 2015.

Jöhri M., *Annunciare la misericordia*, Lettera circolare in occasione del Giubileo della Misericordia, 21 settembre 2015.

Jöhri M., *Siate uomini di perdono*, Lettera, 11 febbraio 2016.

Jöhri M., *Due volti dello stesso carisma*, Lettera alle Clarisse Cappuccini, 25 marzo 2017.

Maranesi P. – Accrocca F. (edd.), *La regola di frate Francesco. Eredità e sfida*, Editrici Francescane, Padova 2012.

Maranesi P., *Il Sogno di Francesco. Rilettura storico-tematica della Regola dei Frati Minori alla ricerca della sua attualità*, Assisi 2011.

Martinelli P. (ed.), *Il rinnovamento della Vita Consacrata e la famiglia francescana*, EDB, Bologna 2007.

Matura T., *Lettura spirituale della Regula Bullata Fratrum Minorum*, in *Italia Francescana* 84 (2009) 1, 67-87.

Neri F., *Giovanni Paolo II. Cari frati cappuccini... Omelie, discorsi, lettere (1978-2005)*, Italia Francescana, 2006.

Paolo VI, *Seraphichus Patriarcha*, Lettera apostolica, 24 giugno 1978.

Pellegrini L., *Frate Francesco e i suoi agiografi*, Edizioni Porziuncola, Assisi 2004;

Polliani F., *Le nuove Costituzioni dei Frati Minori Cappuccini. Analisi e Commento*, Edizioni Biblioteca Francescana, Milano 2015

Ricci T. (ed.), *Il "patrimonio spirituale" delle costituzioni dei frati minori cappuccini*, Curia Generale OFMCap, Roma 1991.

Romano R.G., *Virtualità e relazionalità nella cybercultura*, Pensa, Lecce 2012.

Salonia G., *Kairos*, EDB, Bologna 1994.

Salonia G., *Odos. La via della vita. Genesi e guarigione dei legami fraterni*, EDB, Bologna 2007.

Salonia G., *Sulla felicità e dintorni. Tra corpo, parola e tempo, Il pozzo di Giacobbe*, Trapani 2011.

Uribe F., *La Regola di san Francesco. Lettera e spirito*, Bologna 2011.

Vaiani C., *La fraternitas nella Regola*, in Czortek A., *Un testo identitario. Metodo e temi di lettura della Regola di San Francesco d'Assisi*, Convivium assisiense, 2013.

Veith V., *Il Capitolo locale*, EDB, Bologna 1993.